



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

HELDER DANTAS DE SOUSA

**A QUADRILHA MARIA CHIQUINHA E AS TRANSFORMAÇÕES NAS
QUADRILHAS JUNINAS NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB: DA
CULTURA TRADICIONAL AO ESTILIZADO**

CAJAZEIRAS-PB

2017

HÉLDER DANTAS DE SOUSA

**A QUADRILHA MARIA CHIQUINHA E AS TRANSFORMAÇÕES NAS
QUADRILHAS JUNINAS NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB: DA
CULTURA TRADICIONAL AO ESTILIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras, com a finalidade de obtenção do título de Graduado no referido Curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S725q Sousa, Helder Dantas de.

A quadrilha Maria Chiquinha e as transformações nas quadrilhas juninas na cidade de Cachoeira dos Índios - PB: da cultura tradicional ao estilizado / Helder Dantas de Sousa. - Cajazeiras, 2017.

72f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanilda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.

Monografia (Licenciatura Geografia) UFCG/CFP, 2017.

HELDER DANTAS DE SOUSA

**A QUADRILHA MARIA CHIQUINHA E AS TRANSFORMAÇÕES NAS
QUADRILHAS JUNINAS NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB: DA
CULTURA TRADICIONAL AO ESTILIZADO**

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo
(UNAGEO/CFP/UFCG - Orientadora)

Prof. Dr. Josias de Castro Galvão
(UNAGEO/CFP/UFCG - Examinador Interno)

Prof.^a Dr.^a Mariana Moreira Neto
(UACS/CFP/UFCG - Examinadora Externa)

CAJAZEIRAS-PB

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder o dom da vida e por ter me dado forças para que chegasse até aqui.

Agradeço, também, aos meus pais e irmãos, os quais sempre me incentivaram a estudar e buscar conhecimento.

À minha esposa Renata e à minha filha Helena, as quais sempre estiveram ao meu lado me dando força em todas as vezes que desanimei durante o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos amigos que me ajudaram, direta e indiretamente, com palavras de estímulo, sobretudo àqueles que se dispuseram a me ajudar dando dicas e incentivos.

Aos meus colegas de turma por todos os conselhos, diálogos, dúvidas e problemas que enfrentamos juntos, sem vocês nada disso seria possível, muitas vezes me amparando e me incentivando a não desistir. Tenho certeza que Deus escolheu as pessoas certas na hora certa e formou a melhor turma de Geografia que eu pude conhecer, são amigos que levarei para toda a vida.

A todos os Professores do curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (Campus Cajazeiras), por tudo que me ensinaram durante esses cinco anos.

Aos entrevistados das quadrilhas juninas, os quais se dispuseram a participar da construção deste trabalho, sempre dispostos a colaborar durante a pesquisa.

Em especial, agradeço à minha orientadora, a Professora Dr.^a Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, pela atenção, por ter se comprometido a me orientar neste Trabalho de Conclusão de Curso, pelas informações, conhecimentos e conversas. O meu muito obrigado por ter acreditado em mim.

À banca examinadora, representada pela professora Dr.^a Mariana Moreira Neto e pelo professor Dr. Josias de Castro Galvão.

RESUMO

Este trabalho se propõe analisar as transformações que vem acontecendo com os grupos de quadrilhas juninas na cidade de Cachoeira dos Índios-Paraíba, entre os anos de 2001 a 2017 com destaque para a quadrilha Maria Chiquinha, no tocante a transformação de um estilo cultural para outro moderno o qual ocorre de forma lenta em quase todos os segmentos culturais, porém, perceptível no caso das quadrilhas essas mudanças acontecem praticamente em toda a sua estrutura como: o figurino, as músicas, as coreografias, adereços entre outros aspectos. Deste modo, buscamos identificar quais processos influenciaram essas transformações ao longo dos anos. A metodologia usada inclui a pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, registro de vídeo, fotografias e entrevista estruturada. A pesquisa foi feita com participantes de quatro quadrilhas juninas da cidade, sendo que três delas não estão mais em atividade, a pesquisa revelou alguns elementos que influenciaram na transformação desses grupos e que elementos podem ser considerados como a causa do fim de alguns grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrilha Junina. Maria Chiquinha. Tradicional. Estilizado. Cultura Popular.

ABSTRACT

This work intends to analyze the transformations of the June's square-dance groups in the city of Cachoeira dos Índios, Paraíba, Brazil, from 2001 to 2017, highlighting the Maria Chiquinha group. The transformation of a cultural style to a modern one takes place in a slow way in almost all cultural segments, but, noticeable, in the case of square-dance groups, these changes take place practically in all its structure, such as: the costumes, the songs, the choreography, the props, and other aspects. In this way, we seek to identify which processes have influenced these transformations over the years. The methodology includes bibliographic research, field research, recording of videos and photographs, and structured interviews. The research was made with participants from four square-dance groups of the city, three of them no longer active. The research revealed some elements that influenced the transformation of these groups and that such elements can be considered as the cause of the end of some groups.

Keywords: June's square-dance. Maria Chiquinha. Traditional. Stylized. Popular Culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

CFP – Centro de Formação de Professores

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SECOM – Secretaria de Comunicação de Cachoeira dos Índios

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: desenho estilo xilogravura, grande roda de quadrilha junina.....	17
IMAGEM 2: organização das festividades do São João de Ruas em Cachoeira dos Índios...	23
IMAGEM 3: festividades do São João de Ruas em Cachoeira dos Índios no período da noite.....	23
IMAGEM 4: Banda Cabaçal dos Monteiros, Cachoeira dos Índios-PB.....	26
IMAGEM 5: Sanfoneiro “Tango” animando o São João de Ruas.....	26
IMAGEM 6: desenho grafite “Lampião” feito pela desenhista Girlene Alves.....	27
IMAGEM 7: Grupo de danças folclóricas SemeArte do sítio Pitombeiras.....	27
IMAGENS 8 e 9: Alunos de quadrilhas juninas escolares dos anos 80 da cidade de Cachoeira dos Índios-PB.....	34
IMAGEM 10: Quadrilha Junina Tradição da Roça fazendo o túnel.....	35
IMAGEM 11: Quadrilha Tradição da Roça fazendo o trancelim.....	35
IMAGEM 12: Quadrilha Junina Tradição da Roça em seu primeiro ano.....	40
IMAGEM 13: figurino da Quadrilha Maria Chiquinha, 2015.....	44
IMAGEM 14: lista de passos tradicionais da Quadrilha Maria Chiquinha, 2004.....	45
IMAGEM 15: desenho de casais dançando quadrilha “peri e contra peri”.....	46
IMAGEM 16: desenho de quadrilha junina fazendo o túnel.....	48
IMAGEM 17: desenho de quadrilha fazendo o Ganchê.....	48
IMAGENS 18, 19 e 20: Quadrilha Maria Chiquinha, anos: 2001, 2002 e 2003.....	58
IMAGENS 21, 22 e 23: Quadrilha Maria Chiquinha, anos: 2007, 2008 e 2009.....	60
IMAGEM 24: componentes da Quadrilha Maria Chiquinha ano 2010.....	61
IMAGENS 25 e 26: Casais da quadrilha Maria Chiquinha, 2010 e 2011.....	62
IMAGEM 27: Quadrilha Maria Chiquinha, 2012.....	63
IMAGEM 28: componentes da Quadrilha Maria Chiquinha, 2013.....	64
IMAGEM 29: Quadrilha Maria Chiquinha, 2014.....	64
IMAGEM 30: apresentação da Quadrilha Maria Chiquinha, 2016.....	65

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: significado da quadrilha junina para os entrevistados.....	33
GRÁFICO 2: opinião dos entrevistados sobre a importância da quadrilha junina para a cultura local.....	36
GRÁFICO 3: opinião dos entrevistados sobre as diferenças entre a quadrilha tradicional e a estilizada.....	37
GRÁFICO 4: como os entrevistados descrevem a quadrilha tradicional.....	38
GRÁFICO 5: como os entrevistados descrevem a quadrilha estilizada.....	38
GRÁFICO 6: opinião dos entrevistados a respeito do período em que os grupos começaram a se estilizar.....	39
GRÁFICO 7: opinião dos entrevistados sobre como os grupos começaram a se modificar...39	39
GRÁFICO 8: opinião dos entrevistados sobre os tipos de passos existentes em ambos os estilos de quadrilhas.....	47
GRÁFICO 9: descrição de como os grupos se preparam para o período das apresentações..	49
GRÁFICO 10: relato dos entrevistados de como começaram a participar de quadrilhas juninas.....	54
GRÁFICO 11: opinião dos entrevistados sobre o fim dos grupos juninos no município.....	54
GRÁFICO 12: opinião dos entrevistados sobre as consequências do fim dos grupos para a cultura local.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A CULTURA POPULAR E A DANÇA DE QUADRILHA COMO ELEMENTO CARACTERÍSTICO DA REGIÃO NORDESTE	14
1.1 A CULTURA COMO EXPRESSÃO HÍBRIDA E O ESPAÇO URBANO DA FESTA JUNINA.....	14
1.2 A QUADRILHA COMO ELEMENTO DA CULTURA RELIGIOSA E EXPRESSÃO DOS COSTUMES, DA CULTURA E DA IDENTIDADE NORDESTINA.....	19
1.3 O ESPAÇO DESTINADO À REALIZAÇÃO DA FESTA.....	21
CAPÍTULO 2 – A CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB E AS EXPRESSÕES CULTURAIS LOCAIS: A QUADRILHA NAS FESTAS JUNINAS E A GLOBALIZAÇÃO	25
2.1 A GLOBALIZAÇÃO E SUA INFLUÊNCIA NOS MOVIMENTOS CULTURAIS REGIONAIS.....	25
2.2 A QUADRILHA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA REGIONAL	33
2.3 DA QUADRILHA TRADICIONAL COMO DANÇA BRINCANTE À QUADRILHA ESTILIZADA.....	36
CAPÍTULO 3 – ENTRE A SAZONALIDADE E A PERMANÊNCIA DA QUADRILHA NOS PREPAROS DAS FESTAS JUNINAS	43
3.1 DAS VESTIMENTAS E DOS PASSOS DE MARCAÇÃO DE UMA DANÇA DE QUADRILHA	43
3.2 DA ESTRUTURA DOS QUADRILHEIROS AOS PREPARATIVOS DE QUADRILHAS.....	49
CAPÍTULO 4 – AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E AS (DES)CONTINUIDADES DE COSTUMES E VALORES.....	51
4.1. CARACTERÍSTICAS DOS ENSAIOS E OS SUJEITOS BRINCANTES.....	51
4.2. A ESCOLHA DAS MÚSICAS E TEMÁTICAS DAS QUADRILHAS.....	55
4.3. A QUADRILHA MARIA CHIQUINHA COMO EXPRESSÃO DA BRINCADEIRA E DA COMPETIÇÃO: DO ESPAÇO DA FESTA AO JÚRI.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICES.....	71

INTRODUÇÃO

O município de Cachoeira dos Índios, situado na Região Geográfica Intermediária de Cajazeiras-Sousa, no interior da Paraíba, conta com cerca de dez mil habitantes. Como todo município, possui vários tipos de movimentos culturais, porém, o que mais se destaca são as quadrilhas juninas, que durante os meses de junho e julho estão presentes nas festividades da cidade e em outras localidades circundantes.

A quadrilha junina é uma dança cultural marcada por movimentos executados ao comando de um marcador e esses movimentos possuem uma sequência padrão, os chamados passos tradicionais, que servem como base para os grupos juninos, podendo ter outros nomes em diferentes regiões.

Os grupos culturais de quadrilhas existentes no município sempre estiveram ligados às manifestações consideradas tradicionais, dando sequência à tradição junina de outras quadrilhas pré-existentes, porém, essa tradição vem se perdendo e muitos grupos deixaram de existir, surgindo outros grupos de quadrilhas que se autodenominam “quadrilhas estilizadas” ou “quadrilhas modernas”, que vêm ganhando espaço e, por vezes, substituindo as quadrilhas tradicionais, descaracterizando a identidade das mais antigas.

Com base nessas mudanças, nos questionamos sobre o porquê dos grupos juninos da cidade de Cachoeira dos Índios estarem deixando de ser tradicionais e passado a ser estilizados. Foi por este questionamento inicial que surgiu a pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso, que tem o intuito de investigar a ocorrência das transformações nos grupos de quadrilha juninas do município de Cachoeira dos Índios-PB, entre os anos de 2001 e 2017. O recorte temporal definido se deu em função de nossa participação como um dos fundadores da quadrilha Maria Chiquinha, permanecendo na mesma como puxador/organizador por quatorze anos, exercendo de habilidades artísticas, como: desenhos, pinturas, peças teatrais, literatura de cordel, artesanato e cinema, desenvolvendo atividades voltadas para o resgate da cultura popular (neste trabalho estão inseridos desenhos em estilo xilogravura representando passos de quadrilhas juninas tradicionais e textos de literatura de cordel, que ampliam as formas de linguagem da pesquisa, e são de nossa autoria). A pesquisa foi realizada no período de março de 2017 a setembro do mesmo ano.

O objetivo da pesquisa é identificar o porquê desses grupos se modificarem ao longo desses dezessete anos, problematizando que fatores foram responsáveis por tais mudanças. Como objetivos específicos elegemos: a) refletir sobre a cultura popular nordestina, especificamente sobre as danças de quadrilhas juninas; b) refletir sobre a quadrilha como

manifestação da cultura local e as influências da globalização; c) investigar as culturas locais e as (des)continuidades de costumes e valores na quadrilha Maria Chiquinha.

Para nortear a pesquisa foram levantadas algumas hipóteses que conduzem o desenvolvimento do trabalho como: o processo de globalização pode ser um dos responsáveis por tais mudanças, assim como a influência da cultura externa através dos festivais, e a descontinuidade das danças de quadrilhas tradicionais originando a quadrilha estilizada das novas gerações.

A pesquisa foi desenvolvida usando o método qualitativo, baseado na observação e na interpretação do pesquisador, porém, a mesma não se prendeu apenas a hipóteses levantadas — que são indispensáveis para dar andamento à pesquisa — mas também às informações que os entrevistados forneceram, tentando evidenciar como essas manifestações acontecem no cotidiano. Para essa investigação os instrumentos da pesquisa foram: referências bibliográficas, entrevista estruturada, análise de vídeos de apresentações de quadrilhas, fotografias e pesquisa de campo.

Os sujeitos que participaram da entrevista foram dez componentes de quatro quadrilhas juninas, sendo cinco dançarinos e cinco puxadores das quadrilhas juninas: Maria Chiquinha, Linda Rosa, Luar do Sertão, e Maria Bonita. Todos já participaram ou participam da quadrilha tradicional e da quadrilha estilizada. A escolha dos participantes levou em consideração o critério de participação de componentes com mais de cinco anos de experiência com quadrilhas juninas e que todos tenham participado do movimento tido como tradicional, visando fornecer subsídios através de suas narrativas para esta pesquisa. Dentre os puxadores de quadrilhas, o autor deste TCC inclui-se como um deles, sendo, portanto, participante e também pesquisador acerca do objeto investigado.

Considerando o período relativo ao objeto investigado, do ano de 2001 a 2017, construímos um percurso traçando as principais mudanças ocorridas na quadrilha Maria Chiquinha, pois, dos quatro grupos citados, é a única que continua em atividade. A investigação visa entender quando ocorreram essas transformações, já que vários elementos passaram por mudanças, como nas músicas, nos figurinos, nas coreografias, dentre outras, e compreender quais mecanismos estão presentes na dinâmica da Quadrilha Maria Chiquinha que a fez resistir ao longo do tempo.

Sabemos que a cultura é produzida pelo modo de vida dos grupos sociais e que esses grupos estão em constantes transformações, sendo necessário o estudo temporal e de seu contexto histórico para a compreensão do mesmo. Dessa forma, torna-se de grande importância para o pesquisador compreender a sociedade em que o mesmo está inserido e

quais mudanças vêm ocorrendo no modo de vida, agir e pensar de um povo, contribuindo para que possamos perceber que tais movimentos culturais estão evoluindo, uma vez que a cultura passa por mudanças e se adequa ao tempo atual adquirindo uma nova roupagem.

No primeiro capítulo fizemos um breve percurso teórico sobre a origem das quadrilhas juninas no Brasil, como esse movimento surgiu e como se recria recebendo a influência da cultura local e sendo um movimento típico brasileiro. Ainda no primeiro capítulo, seguimos em discussões sobre o conceito de cultura popular, as diferentes visões que são colocadas por vários autores visando entender a quadrilha tradicional como movimento de cultura popular e se a quadrilha moderna se enquadra ainda nesse perfil.

No segundo capítulo, apresentamos as principais mudanças que a festa junina vem sofrendo junto à modernidade, como as manifestações culturais têm reagido ao processo de globalização e a quadrilha junina como representação da cultura local e sua evolução enquanto estilizada.

O terceiro capítulo traz uma abordagem dos preparativos da quadrilha junina, como ela desenvolve sua apresentação, fazendo uma comparação entre a tradicional e a estilizada.

No quarto e último capítulo, desvelamos as (des)continuidades e as resistências nos costumes e valores referentes às danças de quadrilhas, especialmente, na quadrilha Maria Chiquinha.

CAPÍTULO 1

A CULTURA POPULAR E A DANÇA DE QUADRILHA COMO ELEMENTO CARACTERÍSTICO DA REGIÃO NORDESTE

A cultura de um povo é a representação maior de sua identidade, uma nação que por algum motivo perdeu suas raízes praticamente já não existe culturalmente falando. Segundo Cascudo (1967, [s.p]), “Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é definido e conservado pelo costume”.

Neste primeiro capítulo apresentamos o conceito de cultura popular e suas diferentes concepções na visão de alguns autores de modo a darem suporte à pesquisa. Abordamos, também, o conceito de cultura híbrida e o espaço destinado a realização da festa junina, bem como a quadrilha como elemento da cultura religiosa e suas expressões no âmbito da identidade do povo.

1.1. A CULTURA COMO EXPRESSÃO HÍBRIDA E O ESPAÇO URBANO DA FESTA JUNINA

O espaço socialmente produzido pelo homem não é vivenciado igualmente por todos os grupos sociais. Esta percepção de espaço está ligada à visão cultural de cada indivíduo, que cria e recria sua dimensão do próprio espaço. Conforme afirma Ângelo Serpa (2008, p. 396), “Assim como o próprio espaço geográfico é tratado como uma dimensão da sociedade podemos afirmar que o cultural é também uma dimensão, ao mesmo tempo da sociedade e da construção espaço-temporal através da qual ela é instituída”.

A cultura faz parte do meio de vida da sociedade. Ela é construída através das relações de um povo. A dinâmica da cultura popular possui influência na configuração do espaço, sendo necessário conhecer sua dinâmica para a sua total compreensão. Normalmente esse termo é usado para designar costumes, artes, crenças, expressões, entre outros aspectos de um grupo.

A variedade de costumes e expressões culturais existente na sociedade torna esse tema muito abrangente e diversificado. Segundo Catenacci (2001, p. 28), “A heterogeneidade é

uma das características da cultura popular, muito estudada no século XX e, portanto, no interior das Ciências Sociais podem ser verificadas suas diferentes concepções”.

O termo cultura pode ter muitos significados como podemos ver, porém, na nossa pesquisa buscamos enfatizar o conceito de “cultura popular” para uma melhor compreensão do objeto de estudo. São várias as pesquisas que já foram publicadas que abordam esse campo, na sua grande maioria tentando explicar as diferentes concepções da palavra bem como sua etimologia, cada pesquisador faz sua abordagem conceitual de cultura levando em consideração o conjunto de informações que se pretende estudar, uma vez que podemos nos referir à cultura popular ou à cultura de massa, entre outras.

A UNESCO define cultura popular como um conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, e expressas por um grupo ou por indivíduos que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social. Engloba, portanto, folclore, cultura oral, cultura tradicional e cultura de massa.

Pensando por esta definição, podemos analisar que a cultura popular está intimamente ligada às tradições de uma comunidade ou grupo que tem essas expressões como uma forma de identidade. É claro que os conceitos de cultura popular definidos pelos vários autores aqui se complementam em suas definições, uma vez que a cultura possui uma variedade de significados.

Para uma melhor compressão do termo em questão é necessário nos aprofundarmos um pouco mais e buscar entender o significado da palavra “popular”. O antropólogo Canclini (1989, [s.p.]) define o popular como sendo o excluído:

Aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; isso porque toda vez uma manifestação dita como popular cai nas graças da sociedade tida como elitista é modificada para torná-la mais prazerosa às suas necessidades.

Vários autores questionam as diferentes concepções de estudos que buscam explicar o conceito “popular” no século XX. Alguns autores vão usar o termo folclore para algumas manifestações culturais. Catenacci (2001, p. 21) afirma que

O termo folclore – folk (povo), lore (saber) – foi criado pelo arqueólogo inglês Willian John Thoms em 22 de agosto de 1846 e adotado com poucas adaptações por grande parte das línguas europeias, chegando ao Brasil com a grafia pouco alterada: folclore.

O termo folclore se liga à cultura diretamente no que se refere as tradições, aquilo que foi criado pelo povo, o imaginado, e que é transmitido às demais gerações. Com o tempo essas tradições podem evoluir pelas mudanças que ocorrem no tempo através da modernidade.

A quadrilha junina tradicional, enquanto movimento cultural, está ligada a esse tipo de manifestação conhecida enquanto cultura popular. Teve início como um evento típico das classes mais humildes, caracterizada pelo modo simples de se vestir dos agricultores e seus chapéus de palha. Segundo Barroso (2013, p. 47):

A quadrilha, considerada uma herança do folclore francês dos salões da corte acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa, chegou ao Brasil juntamente com a corte real de D. João VI, como uma dança de pares onde damas e cavalheiros interagem e dançavam.

Para o antropólogo Luiz da Câmara Cascudo (1967, [s.p]), em um de seus livros sobre civilização e cultura, define a cultura dizendo: “Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real- imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital”.

Esses aspectos referem-se ao modo de vida de um povo, e para ele a cultura é criada a partir da necessidade de sua sobrevivência, dessa forma, essas manifestações ou modelo de vida são transmitidos para as futuras gerações, e podem estar relacionadas ao modo de se vestir, de falar, das ideias e até mesmo em expressões artísticas que moldam essa realidade de vida.

A cultura popular é a criança que continua em nós, em nossa formação cultural e social. Tudo numa paralela: de um lado, as superstições, os mitos e as histórias que nossa mãe nos contou, de outro o que aprendemos na escola, no dia a dia da cidade, as viagens e as máquinas. A cultura primitiva prolonga-se na cultura geral e nunca desaparecerá (CASCUDO, 1972, p. 5).

Ao analisarmos a quadrilha junina tradicional podemos relacionar a mesma a um conjunto de técnicas, pois sua estrutura tanto em termo de figurino como em seus passos, são um conjunto de elementos difundido por várias gerações. Sua dinâmica se resume a uma dança com pares que dançam ao som de músicas típicas como a mazurca, o forró pé-de-serra e a marchinha de São João, as quais ganharam destaque e ficaram conhecidas na voz de Luiz Gonzaga. Os casais apresentam em simetria movimentos que são comandados por um puxador, ou como é conhecido nos dias de hoje, “marcador”. Durante a apresentação os casais

ficam em filas, em círculos juntos ou separados, e executam vários tipos de movimentos que são conhecidos como “passos”.

A imagem abaixo mostra a “grande roda”, um dos passos da quadrilha junina tradicional.

IMAGEM 1: desenho estilo xilogravura, grande roda de quadrilha junina



Fonte: arte de Helder Marreta, 2017.

As festividades juninas no Brasil são um grande conjunto de múltiplas tradições e origens, uma vez que as representações folclóricas que possuímos são fruto em grande parte das influências europeia, indígena e africana que tivemos. Dessa forma, possuímos uma cultura heterogênea que está espalhada por todas as regiões do país, cada uma com características próprias, justamente de acordo com o modo de vida de cada grupo ou região, pois a região circunscreve-se também às características de determinadas porções do espaço. Segundo Sousa (2012, p. 4):

As culturas hoje se encontram mescladas, dialogam entre si e, para muitos estudiosos, têm se tornado homogeneizadas, recebendo assim, uma nova

nomenclatura “culturas” não sendo mais possível referir-se a elas como uma coisa una, heterogênea. Este fator foi possibilitado pela intensificação do processo de globalização que proporcionou o encurtamento das distâncias e a propagação, em escala mundial, da narrativa dos meios de comunicação, grandes responsáveis por ligarem pessoas das mais diversas partes do mundo. Mas o fato é que essa homogeneização é possibilitada, principalmente, pela uniformização do consumo e por consequência, o imperialismo da cultura Norte Americana como modelo de vida.

Ao analisarmos as expressões culturais existentes em nosso cotidiano, percebemos que existe uma variedade de valores e significados, os quais muitas vezes vêm de culturas diferentes e que se misturam definindo as atuais manifestações existentes. Segundo Sousa (2012), essas manifestações são definidas como “culturas híbridas”, e a partir delas podemos pensar nessa nova cultura mesclada de modernidade e de tradicional.

Para Sousa (2012), a hibridização cultural traz para uma sociedade novas formas de se pensar que criam em seu cotidiano significados os quais, muitas vezes, são totalmente diferentes de sua base cultural. Esse fato nos revela que muitos desses sujeitos desenvolvem uma crise de identidade. Podemos associar essa ideia de que uma cultura híbrida que gera crise de identidade à atual contradição das festas juninas dos grandes centros urbanos, que muitas vezes são divulgadas exibindo a quadrilha com a imagem tipicamente tradicional (roupas típicas remendadas e chapéu de palha), mas que em seus festivais não fazem nenhuma menção a essa cultura tradicional. Ao invés disso, o que se percebe são desfiles de glamour e luxo nos festivais atuais.

O fato de as festas juninas de hoje terem um caráter mais urbano traz consigo uma relevância ao pensarmos na mesma como uma “cultura híbrida”, pois a partir do momento que as festividades ganharam os grandes centros urbanos ocorreram algumas transformações. Segundo Morigi (2002, p. 61):

O tecido cultural híbrido, na festa junina, forma-se através da junção de coisas diversas, de elementos heterogêneos pertencentes a universos imaginários diferenciados o que faz ela ser um produto cultural resultante de coisas misturadas.

Hoje, os elementos que constituem as festas juninas como a fogueira, a quadrilha, as comidas, os balões e as bandeirolas contrastam com elementos da modernidade, como o glamour das quadrilhas estilizadas, os refletores, telões, as músicas estilizadas e um aparato tecnológico que faz parte de toda a estrutura das grandes festas.

Segundo Cascudo (2016), as festas de Carnaval, São João e Natal centralizam no Brasil as maiores e numerosas convergências dos folguedos populares. Essas três festas se destacam por serem as mais populares em nosso país. No caso das festividades juninas, especificamente no Nordeste, são as festas mais aguardadas pelo povo da região. Com o sucesso dessas festividades, tem se popularizado cada vez mais em várias regiões do país, onde são recriadas e incrementadas características de cada lugar.

O termo “região” pode ter muitos significados e é extensamente usado no senso comum, muitas vezes sendo empregado para fins de localização e extensão. Esse conceito pode estar ligado a várias ciências, mas, geograficamente falando, Corrêa (2003) o define como: refere-se a uma porção da superfície delimitada a partir de características particulares que lhe são atribuídas, como é o caso das cinco regiões do Brasil, dessa forma, podemos ter regiões naturais, regiões culturais, regiões políticas, regiões econômicas, entre outras.

Segundo Cascudo (1969, p. 51),

As festas juninas brasileiras foram recriações de outras festividades europeias, mais especificamente portuguesas, e tinham um caráter eminentemente familiar e/ou eventualmente comunitário e eram embebidas de toda uma atmosfera ritualística que envolvia aspectos religiosos, míticos, folclóricos, comunitários, entre outros.

A festa junina se inicia no Brasil com um caráter simbólico e religioso, onde “[...] o São João festejava-se na improvisação movimentada e álaque da iniciativa popular” (CASCUDO, 1969, p. 51). Essa improvisação trouxe uma dinâmica para a festa e para um dos seus maiores símbolos que é a quadrilha junina. Logo, essa dança que foi inspirada numa dança europeia, se destacou na festa e caiu no gosto do brasileiro devido ao seu caráter tradicional, se tornando um dos principais símbolos da festividade.

1.2. A QUADRILHA COMO ELEMENTO DA CULTURA RELIGIOSA E EXPRESSÃO DOS COSTUMES, DA CULTURA E DA IDENTIDADE NORDESTINA

Nas festas juninas é possível encontrarmos muitos significados para os elementos presentes que transmitem as credences de cada região. As quadrilhas consideradas tradicionais possuíam uma ligação muito forte com a religião por ter se desenvolvido num período onde as tradições e valores eram mais preservados, mantendo viva uma tradição herdada.

Cultuar a fogueira, soltar balão com pedidos aos Santos Juninos, assistir a novena e homenagear os santos se constituíam rituais mais frequentes do que no período atual. Com a modernidade, as crenças e os símbolos do São João ganharam um caráter mais caricato, servindo mais como um adorno da festa do que a própria vivência das crenças.

Muitas vezes, as quadrilhas modernas, com seus temas mirabolantes, homenageiam os Santos Juninos e até mesmo a imagem de Maria, a mãe de Jesus, mas essa reverência está ligada apenas à questão temática do grupo.

No contexto das tradições das festividades Juninas temos as simpatias que são feitas para Santo Antônio, que servem para arranjar pretendentes para casamento, algumas dessas práticas castigam o santo para que o mesmo arranje uma pessoa para casar-se com o autor da simpatia. Essas crenças foram sendo incorporadas a festa com o passar do tempo, mas hoje já não é tão comum ver pessoas fazendo simpatias nas festas juninas.

A fogueira, os balões e as comidas típicas ainda são vistos como elementos de representatividade da festa, mas a modernidade no São João tem modificado sua essência. O culto à fogueira junina nas pequenas cidades ainda é um traço marcante que predomina nas festividades mostrando seu caráter religioso, uma forma de manter viva a tradição, mas a festa de São João deixou de ser uma festa religiosa e ganhou o caráter profano. Chianca (2007) diz que as festividades só ganharam essa conotação religiosa depois que a Igreja passou a comandar a festa atribuindo a história de João Batista ao ritual de se acender a fogueira na noite do dia 23 de junho.

Outros pesquisadores defendem a ideia de que o culto da fogueira nas festividades juninas está ligado a outras crenças. Em outras culturas, acreditava-se que o fogo espantava os maus espíritos que poderiam prejudicar os períodos de colheitas, então fogueiras eram acesas para este fim.

Para Chianca (2007), as festividades juninas comemoradas na noite de São João estão ligadas ao contexto religioso, pois segundo a Igreja Católica, Maria, mãe de Jesus, seria avisada por sua prima Izabel do nascimento de seu filho João Batista através de uma grande fogueira, essa data coincidiu com o período das colheitas, daí a ideia de que a fogueira é feita nos festejos juninos para comemorar o nascimento de São João Batista.

A Igreja promove suas comemorações das festas juninas não só através das celebrações, mas também com as quermesses que trazem consigo apresentações de danças e comidas típicas da região. É uma forma de atrair os fiéis já que nesse período as festas juninas consideradas profanas acontecem paralelamente às religiosas. Geralmente, essas festas acontecem nos pátios das igrejas, contando com um clima mais familiar.

Em Cachoeira dos Índios-PB, as comemorações das festividades juninas pela Igreja católica acontecem na zona rural, promovidas pelas comunidades que têm os Santos Juninos como seus padroeiros, sendo São João padroeiro do sítio Tabocas, e Santo Antônio padroeiro dos sítios Bom Sucesso, Baraúnas e Pitombeira. Todos os anos as comunidades celebram novenários na semana que antecede o dia de cada santo, encerrando com a missa no dia do padroeiro. Geralmente essas festividades são finalizadas com quermesses que atraem muitas pessoas, pois na cidade não existem comemorações especiais para cada santo na Igreja matriz.

1.3. O ESPAÇO DESTINADO À REALIZAÇÃO DA FESTA

Em seu artigo sobre quadrilha junina, Luciana Chianca (2007) afirma que ao chegar ao Brasil, a quadrilha dançada pela Corte foi copiada pelas classes menos privilegiadas da cidade e da zona rural às suas maneiras, e essas recriações das danças de salão receberam muita influência da cultura regional, como da música e do modo de se vestir, dando origem ao que chamamos, hoje, de quadrilha tradicional.

Alguns autores enfatizam que a quadrilha junina é uma dança típica da Europa que herdamos dos colonizadores, porém, devemos analisar que a quadrilha junina presente nas festividades juninas é uma dança folclórica brasileira originada da dança da Corte, mas que ganhou elementos de nossa cultura regional, portanto, não pode ser considerada ainda como uma dança da Corte ou uma cópia, mas como manifestação de cultura híbrida, pois nela podemos encontrar vários traços de culturas locais que foram incrementadas ao longo dos anos.

Segundo Barroso (2013, p. 47), “a quadrilha não se limitou à nobreza nacional”, mas “há quem diga que, na verdade, negros, índios, portugueses pobres e mestiços brasileiros foram os grandes responsáveis por resgatar aos poucos o caráter popular da festa quando celebrada em virtude da colheita”. Sem, contudo, deixar de lado a referência religiosa já a ela incorporada, a “festa devidamente sacramentada pela mão divina” possibilitou que mesmo os excessos estivessem “livres da mancha pecaminosa”.

Como podemos perceber, segundo a autora, a quadrilha teve parte de sua origem nas danças da nobreza que chegaram às classes menos abastadas, ganhando sua graça e sendo incorporadas a suas festividades, sendo readequada aos costumes simples e ganhando uma nova roupagem.

Chianca (2007, p. 50) afirma que “A princípio, eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado - daí seu nome francês quadrilles (em espanhol, cuadrilhas; em italiano, quadriglia)”.

A quadrilha tradicional que sempre fez parte do São João trazia ainda consigo algumas características da dança de salão a qual se originou, como as duas filas onde se distribuíam os casais, mas aos poucos as filas foram se modificando e ganhando um número maior de casais, podendo chegar a ter quatro filas nas quadrilhas contemporâneas.

Outras danças tradicionais, herança da mistura de raças do nosso país, vêm sendo incorporadas a quadrilha junina moderna, como forma de deixar a apresentação muito mais dinâmica: xaxado, baião e xote são alguns exemplos. A quadrilha se modernizou e a ela foi atribuído o termo “estilizado”, que pode ser definido como uma forma modernizada da dança ou ritmo.

As apresentações das quadrilhas juninas acontecem em “arraiás” geralmente organizado pelo poder público ou iniciativa privada, quermesses promovidas pela Igreja e escolas. Em Cachoeira dos Índios-PB, geralmente são as escolas particulares e públicas as maiores organizadoras de eventos juninos, com várias apresentações tanto de quadrilhas como de danças típicas. Tem também o tradicional São João de Ruas, que é uma iniciativa da prefeitura e que se destacava como evento tradicional de resgate das tradições locais.

O São João de Ruas de Cachoeira dos Índios-PB é um grande evento que se destaca pela sua relevância em resgatar valores históricos e culturais do município. A comunidade enfeita sua rua com bandeirolas e elementos representativos das festas juninas e da cultura local, os moradores se engajam na festa e dedicam horas dos seus dias ornamentando suas ruas. Também barracas são construídas com os mais diversos propósitos, são barracas de comidas típicas, de objetos antigos, de artesanatos, casas de taipas decoradas com mobília e objetos reais, muitos deles de valor histórico, encenações de casamento matuto são apresentadas em praticamente todas as ruas, o forró pé-de-serra toma conta dos pavilhões e a população faz a festa. Deste modo, jovens e adultos conhecem muita coisa que fazia parte da vida de seus antepassados.

IMAGEM 2: organização das festividades do São João de Ruas em Cachoeira dos Índios



Fonte: O Guarani (2015). O Guarani é um informativo sobre ações sociais de cunho político, religioso, policial, do município de Cachoeira dos Índios - Paraíba (A Pérola do Sertão). Disponível em: <<http://oguaranici.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 02/08/2017.

Durante o dia, muito trabalho para ornamentar as ruas: um trabalho impecável desenvolvido pelos moradores. Já durante a noite, as ruas se enchem de espectadores que comparecem em peso para prestigiar esse evento; a animação fica por conta de cada rua com danças, apresentações teatrais e muito forró pé-de-serra.

IMAGEM 3: festividades do São João de Ruas em Cachoeira dos Índios no período da noite



Fonte: O Guarani (2015). Disponível em: <<http://oguaranici.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 02/08/2017.

A importância dessa festa para a cultura local é de um contexto valoroso, pois as expressões populares contidas na festividade revelam uma riqueza muito grande na cultura local, que reforçam a identidade cultural e regional da comunidade. Sem falar no resgate de expressões culturais como a quadrilha junina tradicional, em que todas as ruas mostram uma quadrilha se apresentando em seu espaço.

As quadrilhas são improvisadas com jovens, adultos e até idosos, em uma mistura de saberes vivenciada por todos. Desta forma se resgata e transmite a cultura em símbolos e costumes que viram força de lei, representando, portanto, a própria cultura.

CAPÍTULO 2

A CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS E AS EXPRESÕES CULTURAIS LOCAIS: A QUADRILHA NAS FESTAS JUNINAS E A GLOBALIZAÇÃO

Nesse segundo capítulo pretendemos situar o leitor quanto a influência da globalização na cultura regional, mostrando quais consequências esse processo tem trazido para os grupos locais. Ainda nesse capítulo discutiremos a quadrilha como expressão da cultura local e as diferentes expressões culturais existentes no município de Cachoeira dos Índios-PB. Por fim, apresentaremos a quadrilha moderna e suas transformações, passando do tradicional ao estilizado, comparando os seus estilos e traçando suas principais diferenças.

2.1. A GLOBALIZAÇÃO E SUA INFLUÊNCIA NOS MOVIMENTOS CULTURAIS REGIONAIS

Toda manifestação popular sofre influência da modernidade. O atual momento que vivemos em meio a explosão de tecnologias nos leva a refletir sobre o que pode acontecer com as manifestações tidas como populares, uma vez que as mesmas são exploradas pela mídia e pelo atual modelo econômico capitalista, que vê a cultura como produto de mercado já que o popular é aquilo conhecido por todos, e o que tem popularidade é o que atrai lucro.

Parafrazeando o escritor Ariano Suassuna, diríamos que a arte não é produto de mercado. Podem nos chamar de romântico. Arte é missão, vocação e festa. Canclini (1982, p. 15) por sua vez, em seu livro “As culturas populares no capitalismo”, inicia com as seguintes indagações: “O que é a cultura popular: criação espontânea do povo, a sua memória convertida em mercadoria ou o espetáculo exótico de uma situação de atraso que a indústria vem reduzindo a uma curiosidade turística?”.

Os movimentos populares vivem um momento crítico em meio a esse processo de globalização, apesar de muitos movimentos tentarem se manter fiéis às suas raízes, surgem outros movimentos contemporâneos que se destacam por aspectos modernistas e que “sufocam” as tradições.

O município de Cachoeira dos Índios se localiza no interior da Paraíba e tem cerca de dez mil habitantes, mas, apesar de pequeno, possui um grande número de manifestações

culturais de cunho popular, como: a Banda Cabaçal, Sanfoneiros, Repentistas, Poetas, Escritores, Artesãos, Desenhistas, grupos de danças folclóricas, entre outros.

IMAGEM 4: Banda Cabaçal dos Monteiros, Cachoeira dos Índios-PB



Fonte: O Guarani (2016).

IMAGEM 5: Sanfoneiro “Tango” animando o São João de Ruas



Fonte: O Guarani (2016).

IMAGEM 6: desenho grafite “Lampião” feito pela desenhista Girlene Alves



Fonte: O Guarani (2016).

IMAGEM 7: Grupo de danças folclóricas SemeArte do sítio Pitombeiras



Fonte: SECON - Cachoeira dos Índios (2017).

Dentre esses movimentos culturais está um que se destaca pela quantidade de grupos e pelo tempo de sua existência: são os grupos de quadrilhas juninas.

A quadrilha junina é um movimento bem vivo na cidade, que se destaca pelos grupos com mais de 15 anos de existência que fazem a alegria do povo nas festas juninas, muito esperadas pelo povo. Durante muito tempo esses grupos se mantiveram tradicionais, com aspectos dos tempos idos, mantendo-se fiéis a tradição da quadrilha matuta que foi passada de geração em geração, mas que de um certo tempo para cá tiveram fim muitos grupos e aqueles que ainda restam vem se modificando rapidamente aderindo ao movimento tido como “estilizado”.

Mas não foi apenas a quadrilha que mudou nas festividades juninas, mas toda a festa. Basta comparar as estrofes do texto abaixo de Literatura de Cordel, rico em detalhes que expressam o sentimento de vivência do autor e percebem como a festa de São João na atualidade vem sofrendo alterações no decorrer do tempo:

Meu São João de Antigamente

Minha Cultura é linda	Arrancava a macaxeira
Por ela tenho paixão	Tinha um lindo pavilhão
Pela música e pela a dança	rodeado de bandeira.
Tenho grande devoção	
Vou falar para vocês	A boquinha da noite eu ia
Como é o meu São João.	Comprar os meus festejos
	Chuvinha, traque, cebolinha
Ai que saudades que eu tenho	Era o meu maior desejo
Das noites de São João	Brincar no terreiro da casa
Do tempo de grande fartura	No meu pequeno vilarejo.
Da cultura e da tradição	
Lembranças de um passado	Toda casinha tinha
Que me traz recordação.	Uma fogueira feita
	Representando a tradição
Lembro que durante o dia	Bandeirinhas que enfeita
Se tirava “os pau da fogueira”	A fé e a devoção
Colhia milho pra assar	Essas daí ninguém rejeita.

O povo pintava as casas
 Para dar uma renovada
 Confraternização e conversas
 Tinha em quase toda calçada
 Tomava-se uma cachacinha
 Tirando o gosto com carne assada.

Nesse período junino
 Tinha também muito doce
 De mamão de gergelim
 Doce de leite com coco
 Cocada de amendoim
 Pense num tempo gostoso.

Tem muita comida típica
 Pra se comer por lá
 Milho verde e canjica
 Também não podem faltar
 Pamonha, espécie e cuscuz.
 São coisas de nosso lugar.

Antigamente se via
 Como era a tradição
 Tinha Simpatias juninas
 Pulando a fogueira de montão
 Padrinhos e afilhados
 Da festa de São João.

Têm também as simpatias
 Que são feitas por muita gente
 Faca no tronco da bananeira
 Para arranjar pretendente
 Carrega inté Santo Antônio
 No São João de antigamente.

Tinha casamento matuto
 Pra você morrer de rir

Uma noiva buchuda
 Sem noivo pra assumir
 Um coroné muito valente
 Era só pra gente rir.

O forró pé de serra
 Toma conta do terreiro
 Um zabumbeiro arrojado
 “Trianguista” e Sanfoneiro
 Dava um tom especial
 A luz de um candeeiro.

Tem quadrilha no arraiaí
 Trazendo animação
 As moças de vestido de chita
 Fazem roda no salão
 Homens de chapéu de palha
 Na festa de São João.

Para dançar a quadrilha
 Bastava se arrumar
 Meninas de vestido de chita
 Disparavam pro arraiaí
 Meninos de camisa xadrez
 Nas palmas pra animar.

Antigamente se tinha
 Várias quadrilhas na cidade
 Nas ruas e nos bairros
 Havia mais amizade
 Coisas que vêm se perdendo
 Com a tal modernidade.

Autor: Helder Dantas de Sousa
 Cachoeira dos Índios
 06.06.2015

Os versos acima revelam o sentimento vivenciado pelo autor na festa de São João em seu município, a mistura de tradições contidos nas estrofes mostra a riqueza de elementos e símbolos da festa e como os mesmos são transmitidos ao longo do tempo, pois, ainda que as festas juninas tenham evoluído, parte de sua simbologia ainda continua viva nas festas atuais, sendo possível que algum leitor se identifique com alguma das estrofes do texto.

Estudos recentes feitos sobre a questão da cultura popular mostram novas respostas para o impasse existente entre a tradição e a modernização, afirmando que ambas devem ser complementares entre si e não desassociadas. De fato, existe um questionamento muito grande acerca da modernidade e sua influência na cultura popular, se a cultura é algo que é produzido pela sociedade e, tendo que esta última está em constante transformação, é necessário refletirmos tal assunto, pois as tradições mudam de acordo com a sociedade que as produzem.

O processo de Globalização tem influenciado visivelmente o espaço vivenciado pelo homem, refletindo, assim, uma realidade tecnológica que marca essa nova era tida como digitalizada; essa influência está presente nas construções na cidade, nas rodovias, nas antenas de Rádio e TV, nos carros, formando uma grande rede de elementos que nem sempre é visível, mas que interagem entre si.

A Geografia tem um papel importante nesse contexto, abrangendo vários campos de estudo da sociedade, como: política, economia, população, e a sociedade de uma forma geral. Pensando nisso, podemos observar que em todos esses elementos temos a cultura idealizada de acordo com suas características locais, que se manifesta expressando a identidade de cada esfera que a produz. É importante analisarmos as transformações que a era globalizada tem provocado na sociedade, pois essas mudanças se alteram, e, conseqüentemente, a cultura produzida por cada grupo. Devido a esse processo, vemos culturas mais globalizadas e manifestações menos puras nos âmbitos regionais, correndo o risco até de desaparecer em alguns casos.

Essa facilidade das comunicações nas redes sociais, TV, internet e demais tecnologias da comunicação, propicia uma transmissão de manifestações culturais com uma rapidez muito grande e abrangendo vários grupos da sociedade, dessa forma, os diferentes costumes interagem entre si e podem acarretar mudanças nas suas características culturais. Contudo, esse processo não acontece de forma homogênea em todas as esferas do planeta, nem todos têm acesso a essas novas tecnologias e à cultura de uma economia dominante que predomina sobre aqueles menos favorecidos, muitas vezes, destruindo a cultura regional. Há quem diga

que o processo de globalização fortalece as culturas expandidas e divulga cada realidade, conforme afirma Cabral (2012, [s.p.]):

Essa visão permite compreender de que forma age a Indústria Cultural. Oferecendo produtos que promove uma satisfação compensatória e efêmera, que agrada aos indivíduos, ela impõe-se sobre estes, submetendo-os a seu monopólio e tornando-os acríticos (já que seus produtos são adquiridos consensualmente).

Um exemplo que podemos citar hoje é a chamada Indústria Cultural, que influencia no comportamento das pessoas oferecendo produtos e serviços que estimulam a população a ter padrões de comportamento iguais — como o consumismo desenfreado. Por esse motivo, esses indivíduos passam a se espelhar em outros indivíduos que oferecem produtos, tomando como referência aquilo que tem sido oferecido incessantemente, aderindo assim a esses padrões globalizados e sucumbindo os seus valores locais. Segundo Cabral (2012, [s.p.]),

Camuflando as forças de classes, a Indústria Cultural apresenta-se como único poder de dominação e difusão de uma cultura de subserviência. Ela torna-se o guia que orienta os indivíduos em um mundo caótico e que por isso desativa, desarticula qualquer revolta contra seu sistema. Isso quer dizer que a pseudo felicidade ou satisfação promovida pela Indústria Cultural acaba por desmobilizar ou impedir qualquer mobilização crítica que, de alguma forma, fora o papel principal da arte (como no Renascimento, por exemplo). Ela transforma os indivíduos em seu objeto e não permite a formação de uma autonomia consciente.

Muitos estudiosos defendem que o processo de propagação da globalização tem apenas o objetivo de manipular a sociedade, causando no indivíduo uma alienação e deixando-o menos crítico, valorizando cada vez mais o consumo. Milton Santos (2001, p. 37) afirma que esse processo é considerado uma dupla tirania:

Consideramos, em primeiro lugar, a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, intimamente relacionadas. Ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo ethos as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas.

Essa influência no modo de vida da população causa uma perda de identidade onde o indivíduo já não sabe mais a que grupo pertence. Milton Santos (2001, p. 143) afirma que

“Uma das consequências de tal evolução é a nova significação da cultura popular, tornada capaz de rivalizar com a cultura de massas”.

Os novos elementos impostos pelo modelo capitalista nem sempre conseguem se fixar em todos os lugares, pois em muitas localidades os valores são tão presentes que dificultam a inserção desses processos tidos globalizados.

Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente. Constituem-se, assim, formas mistas sincréticas, dentre as quais, oferecida como espetáculo, uma cultura popular domesticada associando um fundo genuíno a formas exóticas que incluem novas técnicas (SANTOS, 2001, p. 144).

Essa rivalidade entre as culturas está na forma de como cada movimento se apresenta, sendo que a cultura popular se demonstra como autêntica, singular, pura, carregada de valores, enquanto a cultura de massa busca o inovador, o apreciado, o requintado, e por trás disso temos a busca pelo lucro e a divulgação do consumismo. Nessa “briga”, a cultura popular tem perdido espaço, mas ainda resiste através dos tempos, segundo afirma Santos (2001, p. 145):

A cultura de massas produz certamente símbolos. Mas estes, direta ou indiretamente ao serviço do poder ou do mercado, são, a cada vez, fixos. Frente ao movimento social e no objetivo de não parecerem envelhecidos, são substituídos por outra simbologia também fixa: o que vem de cima está sempre morrendo e pode, por antecipação, já ser visto como cadáver desde o seu nascimento. É essa a simbologia ideológica da cultura de massas. Já os símbolos "de baixo", produtos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade.

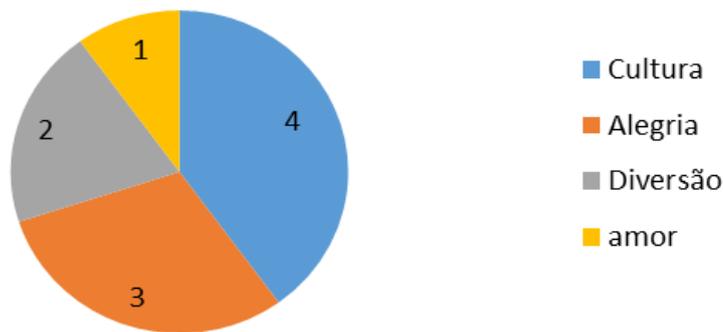
Nesse aspecto mencionado por Santos, podemos mencionar em Cachoeira dos Índios-PB a Banda Cabaçal dos Monteiros como símbolo da produção da cultura popular que, em meio a todo esse processo de modernização, ainda sobrevive preservando seus costumes como manifestação cultural, uma tradição de mais de cem anos passada de geração em geração.

2.2. A QUADRILHA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA REGIONAL

A quadrilha tradicional sempre foi uma das maiores representatividades da cultura junina do Brasil, roupas simples e maquiagem forte mostrava o matuto de forma caricata, o ritmo contagiante das marchinhas juninas dava a cadência das apresentações.

No município de Cachoeira dos Índios as quadrilhas sempre estiveram enraizadas no contexto cultural do município, com as quais os moradores sempre se identificaram e as definiam como “uma manifestação representante da cultura local”, conforme disseram os quadrilheiros investigados. Na pesquisa pudemos perceber que a representação da quadrilha é definida de muitas formas, como veremos a seguir.

GRÁFICO 1: significado da quadrilha junina para os entrevistados



Fonte: entrevista com quadrilheiros (2017).

O entrevistado A define o que a quadrilha representa para ele e faz uma crítica revelando o porquê de aderirem ao movimento estilizado:

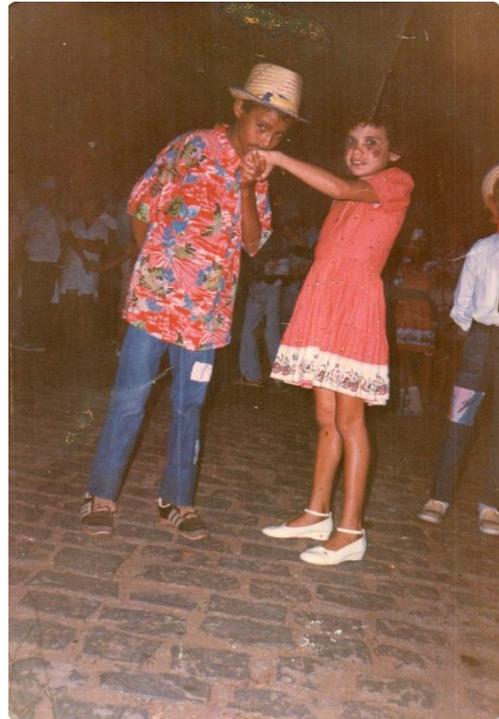
A quadrilha representa cultura, diversão, amor à cultura, pelo o amor a dança, e principalmente pelas tradições da gente, apesar de que, essa questão de quadrilha estilizada tirou toda nossa tradição, mas infelizmente a gente tem que acompanhar. Ou acompanha ou fica para trás (QUADRILHEIRO A. Entrevista, 2017).

Relatos de moradores antigos descrevem que existia uma única quadrilha na cidade entre os anos 60 e 70, e que era puxada pelo senhor Expedito Moreira de Sá. A quadrilha no passado não tinha nome, mas era apenas intitulada de “quadrilha matuta”, da qual os moradores participavam como forma de diversão. A dança era formada por duas filas de pares com cavalheiros e damas que se apresentavam conduzidos pelo puxador, os passos eram os

típicos das quadrilhas tradicionais como: anarriê, alavantur, cavalheiro cumprimente sua dama, balancê, trancilin, grande roda, túnel, parafuso, serrote.

Os trajes eram simples, de tecido de chita, e o modelo da roupa era escolhido pelo próprio dançarino; cada um escolhia seu retalho de tecido e fazia sua roupa ao seu gosto: para as damas, vestidos rodados com babados, e para os cavalheiros, camisa xadrez, listrada ou florida, com calça remendada simbolizando traje típico do matuto, uma visão caricaturada do homem do campo. No cabelo as damas usavam uma flor ou tranças amarradas com “Maria Chiquinha”, os homens usavam chapéu de palha, acessório que continua sendo usado até hoje por alguns grupos.

IMAGENS 8 e 9: Alunos de quadrilhas juninas escolares dos anos 80 da cidade de Cachoeira dos Índios-PB



Fonte: Maria de Fátima. Fotografias de 1986.

Na ótica da pesquisa, voltando para o período dos anos de 2001 a 2017, as quadrilhas juninas do município se mantiveram em parte com essas mesmas características por um bom tempo. No ano de 2001 havia muitos grupos de quadrilhas juninas no município, em quase todos os sítios existia uma quadrilha junina.

Todos os grupos dessa época, sem exceção, eram considerados tradicionais, possuíam os mesmos elementos que representam um grupo tradicional, em parte, o que os diferenciava

era a sequência dos passos, pois a quadrilha tradicional possui uma variedade muito grande de passos e cada grupo montava sua sequência, dessa forma, nenhum grupo era idêntico.

IMAGEM 10: Quadrilha Junina Tradição da Roça fazendo o túnel



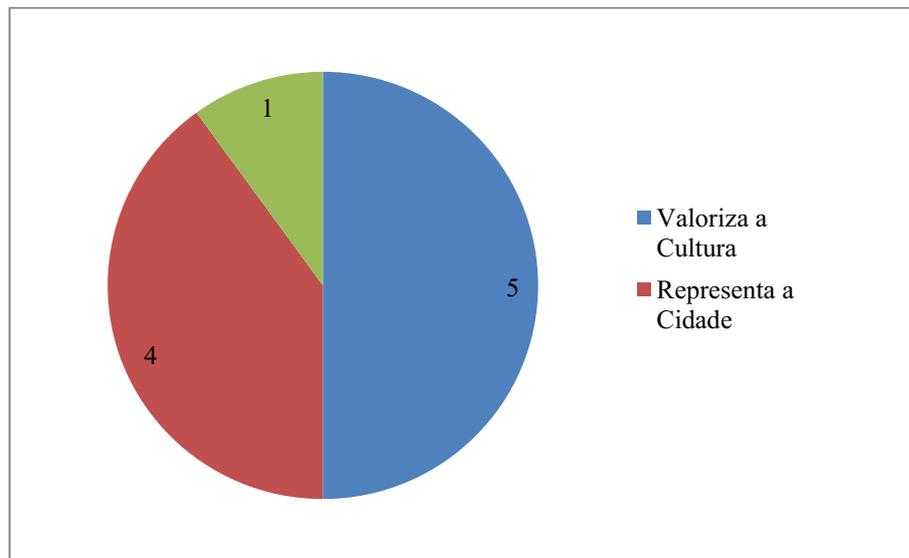
Fonte: acervo pessoal do autor.

IMAGEM 11: Quadrilha Tradição da Roça fazendo o trancelim



Fonte: acervo pessoal do autor.

A seguir, identificamos a importância da quadrilha para a cultura local, segundo os entrevistados na pesquisa.

GRÁFICO 2: opinião dos entrevistados sobre a importância da quadrilha junina para a cultura local

Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

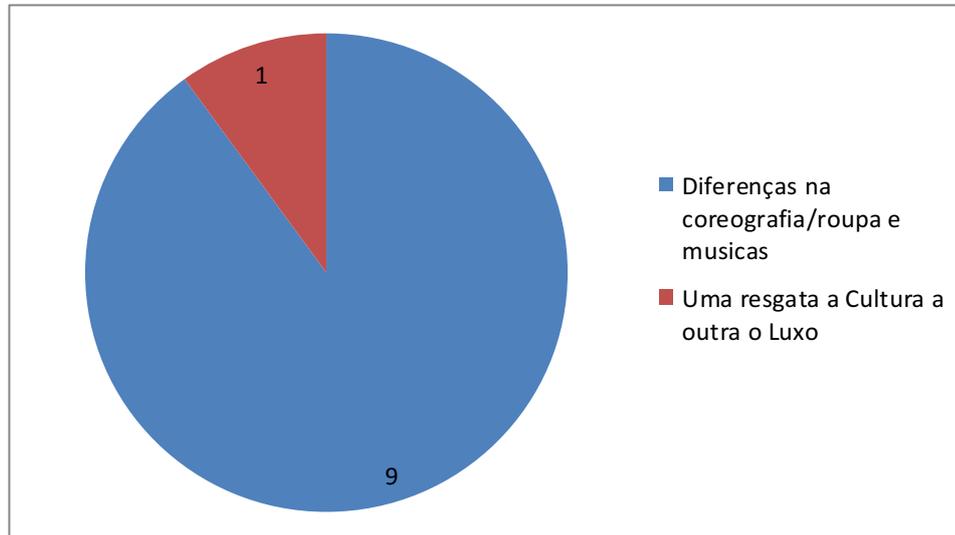
O gráfico mostra que para a maioria dos entrevistados a existência da quadrilha junina em seu município traz grande contribuição, enriquecendo e valorizando a cultura local. Outros definem a quadrilha como sendo a representação da cidade, levando em suas apresentações o nome do município e, por fim, definem também que as quadrilhas resgatam as tradições. Claro que as quadrilhas estilizadas representam uma manifestação cultural contemporânea com toda a sua diversidade de elementos, porém, muitas divergem totalmente de suas raízes, rompendo seu elo com os valores tradicionais, dessa forma, não podemos mencionar como sendo um de seus papéis o resgate das tradições locais.

2.3. DA QUADRILHA TRADICIONAL COMO DANÇA BRINCANTE À QUADRILHA ESTILIZADA

As quadrilhas modernas nem de longe parecem com as quadrilhas tradicionais. Partindo de nossa experiência como quadrilheiro e puxador de quadrilhas, elaboramos alguns questionamentos com o intuito de descobrir as principais diferenças que existem entre os dois movimentos: o que as quadrilhas juninas tidas como estilizadas pretendem mostrar? Será que esse movimento cultural moderno tem os mesmos propósitos? O modelo evoluído de quadrilha junina mantém viva as tradições das festividades juninas?

O gráfico abaixo mostra as principais diferenças identificadas na pesquisa entre a quadrilha do passado e a atual.

GRÁFICO 3: opinião dos entrevistados sobre as diferenças entre a quadrilha tradicional e a estilizada

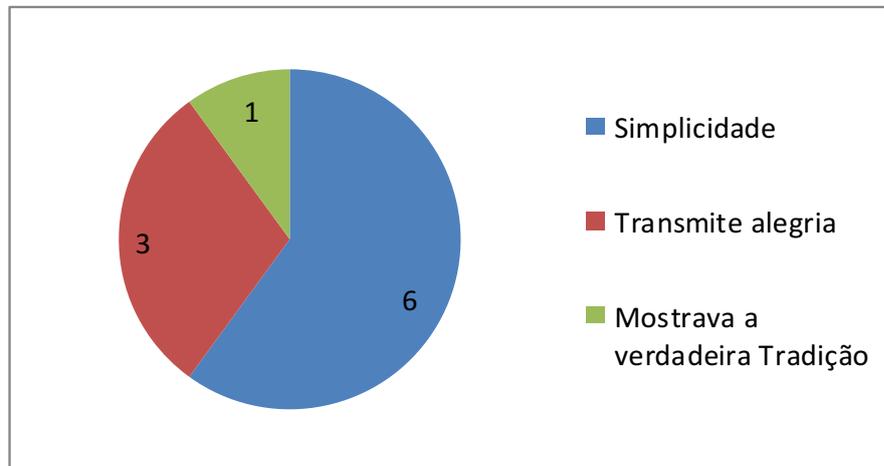


Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

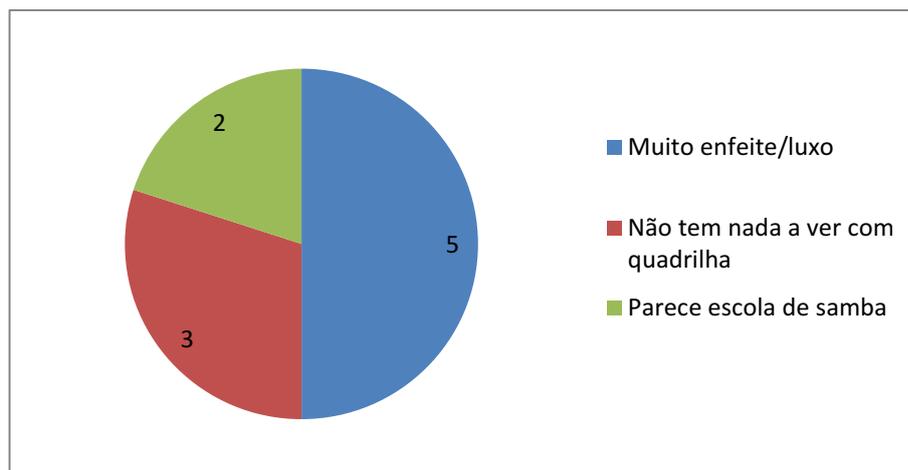
As quadrilhas juninas estilizadas diferem em quase todo o modo de apresentação da quadrilha junina tradicional, a começar pelos passos. No movimento moderno não se usa os chamados passos típicos, como: alavantur, anarriê, túnel, balancê, grande roda, etc. O que se vê nos grupos são coreografias ensaiadas de forma simétrica e diferente do que existia antes. Essas coreografias geralmente são elaboradas por um coreógrafo de acordo com o ritmo da música e a temática do grupo.

As quadrilhas tradicionais eram uma dança mais solta, sem muito requinte em seus elementos, muitas vezes era expressa como uma brincadeira, algo voltado para o lazer, e já no caso da quadrilha estilizada ela pode ser sim um lazer, mas sua estrutura está voltada mais para as competições.

Os gráficos a seguir mostram como os entrevistados percebem a quadrilha tradicional e a estilizada.

GRÁFICO 4: como os entrevistados descrevem a quadrilha tradicional

Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

GRÁFICO 5: como os entrevistados descrevem a quadrilha estilizada

Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

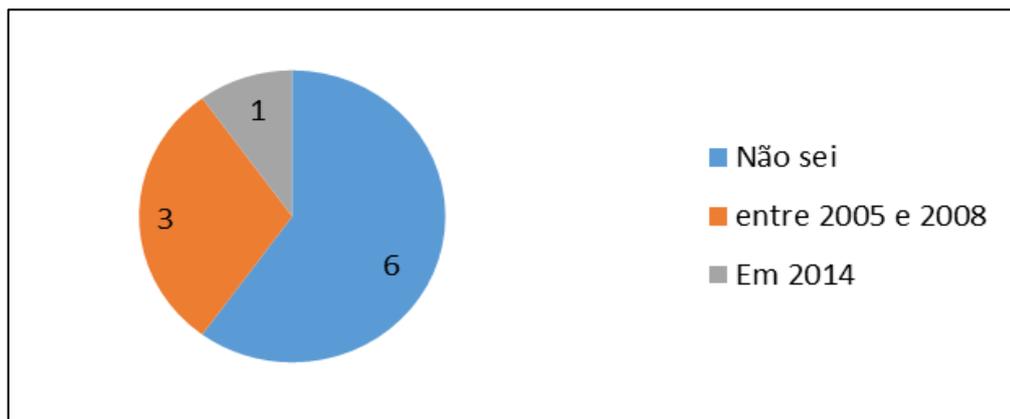
Embora não exista uma data exata para o surgimento de quadrilhas estilizadas, estima-se que esses grupos estilizados tenham surgido em meados dos anos 90. A mudança veio seguindo um processo lento e progressivo de transformação interna da dança tradicional. Em Cachoeira dos Índios-PB, esse estilo só ganhou espaço entre os anos de 2005 e de 2008, embora antes disso já houvessem grupos usando saias de armação e penteados padronizados, detalhes que são usados em quadrilhas modernas nos dias de hoje.

A partir de 2005, a Quadrilha Maria Chiquinha entrou na onda de modernidade e inovou no seu figurino, buscando evoluir com o intuito de se equiparar a outros grupos nos festivais. Até então não se falava em quadrilha estilizada e essas mudanças aparentemente não

pareciam afetar a tradição da quadrilha, uma vez que as mesmas modificavam seus figurinos, mas continuavam com os passos considerados tradicionais.

Abaixo temos um gráfico que mostra respostas relacionadas à questão de estilização dos grupos. A grande maioria não soube responder em virtude desse processo ter acontecido lentamente a cada ano.

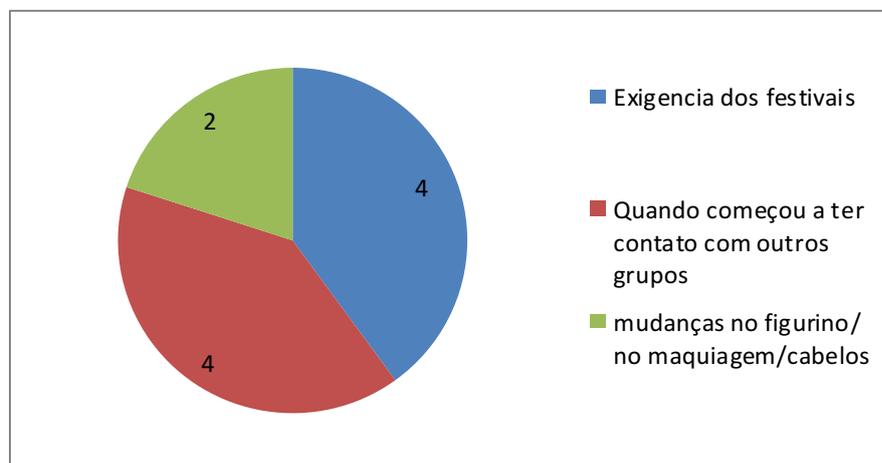
GRÁFICO 6: opinião dos entrevistados a respeito do período em que os grupos começaram a se estilizar



Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

Quando perguntado como esses grupos começaram a se modificar, as respostas também se divergiram. Alguns afirmaram que começaram pelas exigências dos festivais e outros disseram que foi através do contato com outros grupos, embora esse contato tenha acontecido em sua maioria nos festivais.

GRÁFICO 7: opinião dos entrevistados sobre como os grupos começaram a se modificar



Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

A transformação de um estilo cultural para outro moderno ocorre de forma lenta em quase todos os segmentos culturais, porém perceptível. No caso das quadrilhas, essas mudanças aconteceram praticamente em toda a sua estrutura, como: figurino, músicas, coreografias, adereços, entre outros aspectos. Essas mudanças têm causado certa rejeição por parte de algumas pessoas mais conservadoras que não conseguem compreender toda essa evolução, mas essas transformações têm conquistado um grande número de jovens que simpatizaram com esse novo modelo de quadrilha. Melo (2006, p. 3) afirma:

A quadrilha estilizada já conquistou o seu espaço, continua em escala ascendente, recriando e inovando num ritmo alucinante de pesquisa e atualização estética. Ligada à outra por um fio tênue, não despercebido do “olhar” atento do pesquisador social.

Até o ano de 2005, o município de Cachoeira dos Índios-PB possuía vários grupos de quadrilhas juninas que todos os anos traziam alegria para as festividades tanto da zona rural quanto da cidade, dentre eles podemos destacar: Luar do Sertão (Sítio Redondo), Pétalas de Flor (Sítio Lajes), Maria Bonita (Sítio Bom Jardim), Arraiá do Aguiar (Sítio Pitombeira), Fogo na Boneca (Sítio Baixa Grande), Maria Chiquinha (sede), Linda Rosa (sede), Cangaço do Sertão (sede).

Nosso município, em 2017, conta com apenas três quadrilhas: Maria Chiquinha – 17 anos (estilizada), Moleca Enxerida – 2 anos (estilizada), e a mais recente, Tradição da Roça – 1 ano (tradicional).

IMAGEM 12: Quadrilha Junina Tradição da Roça em seu primeiro ano



Fonte: acervo pessoal do autor, 2017.

A grande maioria dos grupos tradicionais não existe mais, as quadrilhas juninas do município de Cachoeira dos Índios-PB estão se acabando e ressignificando uma cultura que se destacava no mês de junho. Praticamente inexistem quadrilhas tradicionais, a não ser as das escolas que são preparadas para as comemorações juninas antes das férias. Praticamente todos os grupos de quadrilha tradicional se extinguíram, com exceção da mais jovem, a Tradição da Roça, que surge em 2017 com o intuito de resgatar os valores da quadrilha tradicional e manter viva a tradição da quadrilha matuta.

Quadrilha tradicional e quadrilha estilizada

Em tempos tão modernos	A quadrilha tradicional
Muita coisa está mudada	Têm pares bem trajados
Músicas, trajes e outras	Exagero dos personagens
Coisas que são ousadas	Matutos caricaturados
Mas vou mostrar nessa rima	Roupa de chita com flor
A evolução da quadrilha Junina	Com jeito de interior
Da tradicional à estilizada.	Com passos simplificados.
Primeiro eu deixo claro	Já a quadrilha moderna
Que não sou contra a evolução	Têm pares bem alinhados
A cultura se modifica	O figurino luxuoso
E vai fazendo alteração	Com bastante intensidade
Mas acho uma crueldade	Coreografia ensaiada
Acabar com a identidade	Que não lembram em quase nada
Das festas de São João.	Da quadrilha do roçado.
A quadrilha junina é	O chapéu de palha na cabeça
Um ícone de alegria	Do homem que é cavalheiro
Faz parte dessa festa	Representa o agricultor
Trazendo uma euforia	Do nordeste brasileiro
Agitando o arraíá	Remendo na calça pregado
Botando pra balançar	São traços exemplificados
Todos com sua magia.	Do famoso quadrilheiro.

Chapéu de nylon ou massa
Na quadrilha estilizada
Adereço indispensável
Coreografia ensaiada
Muito luxo e muito brilho
Que até a rainha do milho
Tem uma coroa dourada.

Antigamente se ouvia
As músicas de Gonzagão
Animando as quadrilhas
Na festa de São João
Sivuca e Marinês
Mostrando com sensatez
O forró de tradição.

Hoje cada quadrilha
Grava seu próprio repertório
Tem suas próprias músicas
Será que é contraditório?
Renovar e inovar
Isso é mais um acessório.

São muitas as mudanças
Que estão acontecendo
Cada quadrilha vem
A sua cultura fazendo
Se Dividir o São João
Mudando a Tradição
O povo é quem sai perdendo.

Autor: Helder Dantas de Sousa
30.05.2016

CAPÍTULO 3

ENTRE A SAZONALIDADE E A PERMANÊNCIA DA QUADRILHA NOS PREPAROS DAS FESTAS JUNINAS

Neste terceiro capítulo abordaremos os preparativos da quadrilha junina, logo, iniciaremos com as características das vestimentas e dos passos fazendo uma comparação em ambos os estilos de quadrilhas discutidos aqui, observando as principais mudanças. Em seguida, vamos ver como a quadrilha se organiza para suas apresentações, que elementos estão presentes em sua estrutura, sempre buscando fazer uma relação entre os estilos tradicional e estilizado.

3.1. DAS VESTIMENTAS E DOS PASSOS DE MARCAÇÃO DE UMA DANÇA DE QUADRILHA

Os trajes da apresentação da quadrilha junina tradicional são: vestidos estampados para as mulheres, geralmente com estampas florais, nos cabelos fazem tranças ou amarram em estilo rabo de cavalo com um elástico “Maria Chiquinha”, enquanto os homens usam calça com remendos e camisas xadrez de manga comprida com botas ou sandálias de couro e um chapéu de palha. Essa simbologia da roupa da quadrilha junina remete aos trajes típicos da vida no campo.

Na quadrilha estilizada o figurino é o que mais tem surpreendido, pois a cada ano são produzidas novas indumentárias com muito luxo e requinte. Em relação ao modelo de roupa, boa parte das quadrilhas modernas usam um conjunto de saia e blusa que se sobrepõem causando um efeito de vestido. Para os homens, ainda continua camisa manga longa, contudo os tecidos também mudaram, ganhando um aspecto mais requintado e podendo variar entre o cetim, tafetá e a seda, calça e um colete ou blazer com muito brilho, mas isso pode mudar de acordo com o tema de cada ano.

IMAGEM 13: figurino da Quadrilha Maria Chiquinha, 2015



Fonte: Rachel Sousa, 2015.

No cabelo as mulheres usam arranjos, apliques, adereços, todos de forma padronizada, diferente da quadrilha tradicional. Os homens ainda usam chapéu, contudo, o material também evoluiu, pois é confeccionado com nylon e adornado com pedrarias e enfeites brilhantes.

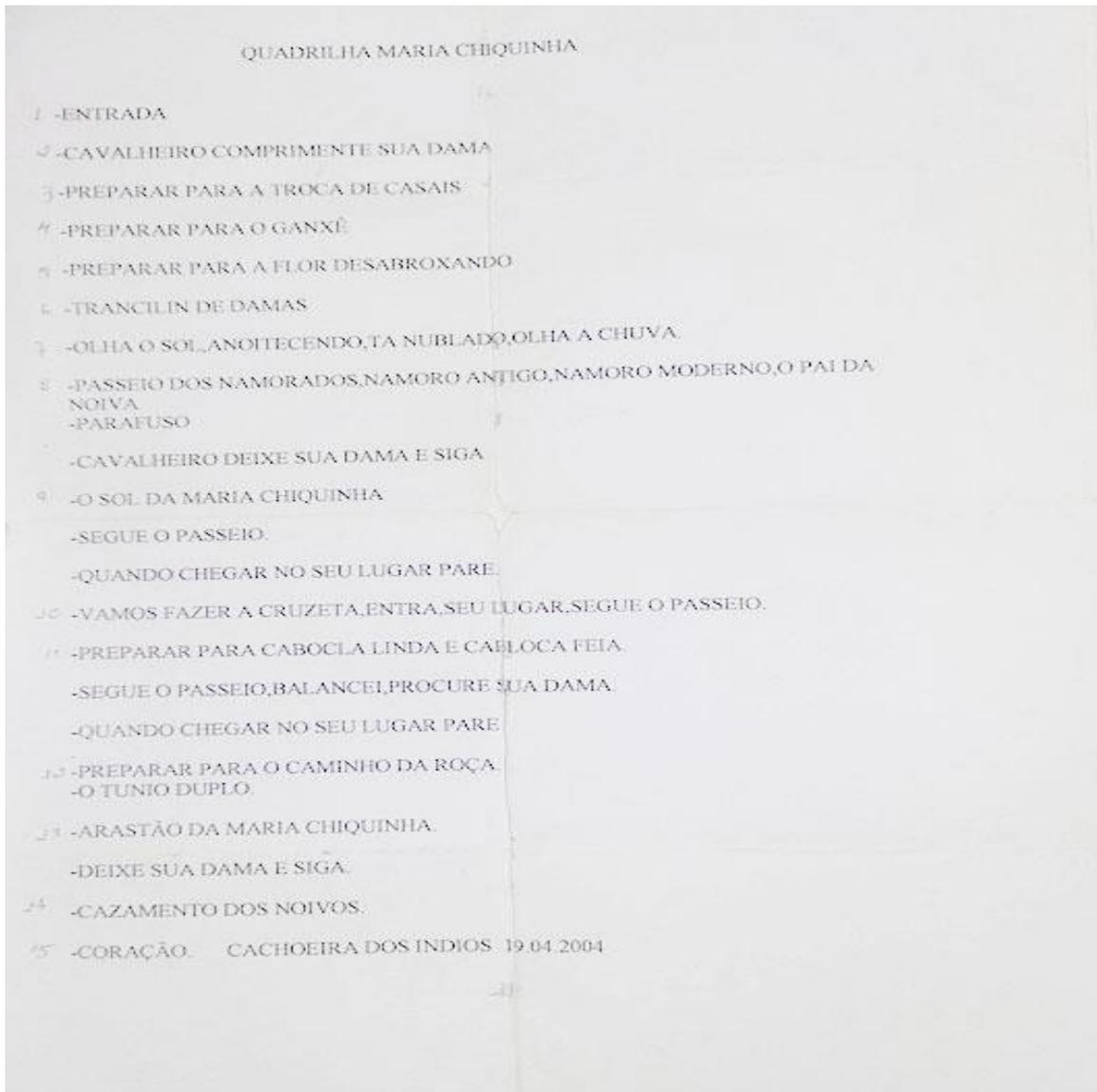
O figurino é preparado de acordo com cada temática, por exemplo: se o grupo estiver homenageando Lampião, a quadrilha se veste de cangaceiros, com todos os acessórios dos mesmos; se estiver homenageando Luiz Gonzaga, ela vem com adereços que representem o mesmo, como o gibão de vaqueiro e a sanfona, e assim sucessivamente. Tudo isso com muito bordado, pedrarias, renda e tecidos sofisticados.

Nas quadrilhas tradicionais a temática praticamente não existia, não obrigatoriamente, como hoje determinam os festivais. O que havia era um casamento matuto que no final terminava com uma quadrilha sendo a comemoração da festa.

As coreografias também são de extrema importância para o desenvolvimento da temática, os passos de quadrilha junina considerada tradicional variam muito e podem ter nomes diferentes de uma região pra outra. Dentro do contexto dessa pesquisa, as quadrilhas do município de Cachoeira dos Índios-PB se desenvolviam aos comandos de: anarriê, alavantur, caminho da roça, olha a cobra, olha a chuva, namoro antigo, namoro moderno, olha

o pai da moça... é mentira, grande roda, túnel, parafuso, comprimente sua dama, balancê, serrote, ganchê, peri e contra peri, bem-me-quer e mal-me-quer, encontro de pares, xis do comprimento, onda, coração. Abaixo está uma lista mais completa de passos usados pela quadrilha Maria Chiquinha no ano de 2004.

IMAGEM 14: lista de passos tradicionais da Quadrilha Maria Chiquinha, 2004



Fonte: acervo pessoal do autor.

Geralmente a apresentação de uma quadrilha junina dura de 25 a 30 minutos variando de um lugar para outro, portanto nem sempre são usados todos os passos em uma apresentação, a lista de passos é grande e muitos passos foram sendo incorporados ao longo dos anos. Como podemos notar nessa lista, faltam alguns passos bastante conhecidos, como o anarriê, alavantur, serrote, peri e contra peri, entre outros, isso não quer dizer que eles foram

abolidos das apresentações posteriores, na verdade, a quadrilha tradicional, por ser muito simples, possui uma dinâmica variada, podendo ter a substituição de alguns passos com o mínimo de ensaio.

A imagem abaixo mostra um desenho do estilo xilogravura com casais dançando quadrilha e executando o peri e contra peri.

IMAGEM 15: desenho de casais dançando quadrilha “peri e contra peri”



Fonte: arte de Helder Marreta, 2017.

Esses mesmos passos são apontados por praticamente todos os nossos entrevistados e especificando que a quadrilha estilizada não possui passos, apenas coreografia.

GRÁFICO 8: opinião dos entrevistados sobre os tipos de passos existentes em ambos os estilos de quadrilhas



Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

Alguns passos tradicionais de quadrilhas juninas revelam a sua ligação com o meio rural, pois mostram a realidade enfrentada por alguns agricultores. Quando um marcador de quadrilha diz “caminho da roça” e todos saem de mãos dadas remete ao caminhar de um grupo de trabalhadores com destino ao seu local de trabalho, “olha a cobra” e “olha a chuva” estão ligados às adversidades que o mesmo enfrenta durante o percurso, ou seja, problemas que o mesmo está exposto. Ao narrar “namoro antigo” os pares dão as mãos e se afastam ao máximo fazendo uma alusão aos namoros de antigamente onde não se podia sequer abraçar, e por fim, o “casamento matuto”, como o próprio nome diz, mostra de forma caricaturada pessoas do campo em uma situação de um casamento onde o exagero é um elemento essencial na apresentação. Por esses motivos podemos perceber que a dinâmica das quadrilhas juninas e seus elementos possuem uma simbologia e riqueza que muitas vezes remete ao modo de vida de seus brincantes.

Abaixo, alguns desenhos do estilo xilogravura representando dois passos tradicionais de quadrilha: o “túnel” e o “ganchê”, respectivamente.

IMAGEM 16: desenho de quadrilha junina fazendo o túnel.



Fonte: arte de Helder Marreta, 2017.

IMAGEM 17: desenho de quadrilha fazendo o Ganchê



Fonte: arte de Helder Marreta, 2017.

Algumas quadrilhas estilizadas são apresentadas apenas com coreografias contínuas, porém existem grupos que ainda mesclam em suas apresentações passos tradicionais como forma de manter vivas algumas tradições.

Alguns festivais exigem que as quadrilhas estilizadas usem alguns passos tradicionais obrigatórios, como forma de resgatar um pouco da cultura regional das quadrilhas, essa exigência pode acontecer em alguns estados, mas isso não quer dizer que em todo festival exista tal exigência, pois não existe uma lei que formalize os itens a serem julgados nos

festivais, o que existe são critérios que são considerados essenciais para os grupos nos dias de hoje, então, cada festival organiza e julga da maneira que achar melhor.

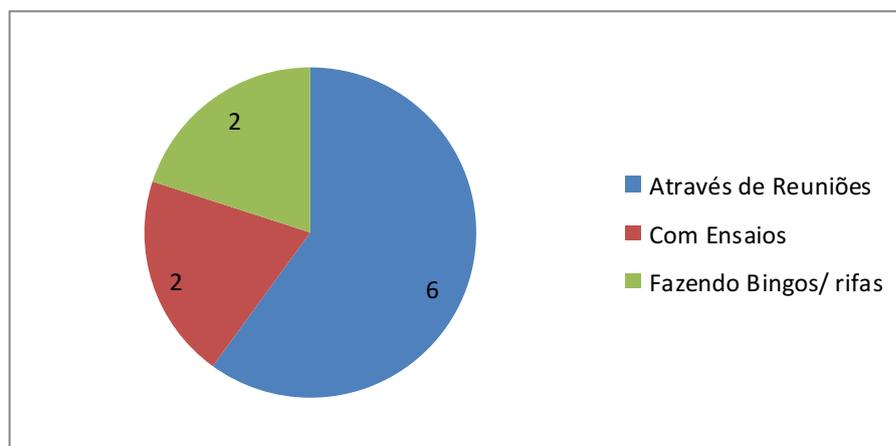
3.2. DA ESTRUTURA DOS QUADRILHEIROS AOS PREPARATIVOS DE QUADRILHAS

As quadrilhas juninas atuais não possuem a mesma dinâmica de antes, que era voltada para o caráter cultural como forma de manter viva uma tradição. No atual contexto ganham outras formas e proporções, como a de competitividade e de espetáculo “Show”, influenciadas pelos processos de globalização.

As quadrilhas juninas estilizadas trabalham praticamente o ano todo para a produção do seu espetáculo, após o término da temporada, que se encerra no fim de julho, os organizadores já começam a pensar em uma nova temática para a produção da nova apresentação do ano seguinte. São realizadas reuniões e debates para decidirem o que deve ser feito para arrecadar dinheiro para as despesas. Geralmente os ensaios começam no mês de janeiro em Cachoeira dos Índios-PB e vão até o final de maio quando tudo tem que estar devidamente pronto para o início das apresentações no começo do mês de junho.

Os preparativos variam, conforme aponta nossa pesquisa, porém se complementam, uma vez que o pontapé inicial são as reuniões que definem o percurso do grupo até o início dos ensaios, culminando nas apresentações juninas.

GRÁFICO 9: descrição de como os grupos se preparam para o período das apresentações



Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

A cada ano os grupos escolhem um tema que pode variar desde homenagens a personalidades importantes do Nordeste, músicos, escritores, poetas e até mesmo temas recriados como: “Alice no País do Sertão”, “O romance da Flor e o Beija-flor”, entre outros. A criatividade toma conta de cada grupo e, de fato, essa inovação nas quadrilhas trouxe para elas um fôlego para seu movimento na modernidade, deixando a mesma mais atrativa ao público, ao mesmo tempo em que a deixou mais parecida com a dinâmica das escolas de samba, tendo critérios de avaliação, temática e roupas de luxo.

A estrutura usada pelos grupos modernos são armações de ferro, painéis, jogos de iluminação, refletores e muitos outros elementos. Além dos componentes, cada quadrilha possui sua equipe técnica que trabalha nos bastidores para tudo dar certo, a chamada produção, que ajuda a entregar objetos que são usados na apresentação, segura painéis, prepara maquiagem, figurino e cabelo dos dançarinos. Já o movimento tradicional não tinha tanto trabalho, os ensaios começavam em maio e eram poucos, pois não havia tantas exigências.

As quadrilhas contemporâneas evoluíram tanto que até mesmo os personagens que compõem o espetáculo ganham novas caras: além dos tradicionais noivos, existe a rainha, os cangaceiros, que hoje são conhecidos como “o bando”, e o casal destaque que varia de acordo com o tema. Essas mudanças aconteceram de forma lenta, não surgiram todas de uma vez, cada um foi ganhando seu destaque na festa. Alguns grupos mais conservadores alegam que existem quadrilhas que dão a estes personagens mais ênfase na apresentação do que os casais de noivos, dado que na quadrilha tradicional o destaque sempre está nos noivos, já que a quadrilha acontece em virtude do casamento.

CAPÍTULO 4

AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E AS (DES) CONTINUIDADES DE COSTUMES E VALORES

Neste quarto e último capítulo apresentamos os sujeitos brincantes da festa, como eles participam do movimento, além de fazer uma reflexão acerca das transformações nas festividades, bem como a escolha das músicas e a temática da quadrilha.

Ainda nesse capítulo, contemplamos a evolução da quadrilha Maria Chiquinha, considerando sua trajetória desde o período tradicional até a atualidade, conhecendo sua dinâmica e as diversas temáticas. A escolha desse grupo é de grande relevância, uma vez que, enquanto sujeito participante da pesquisa, vivenciamos 14 anos de sua história, além disso, justifica-se pelo fato de que é o grupo em atividade mais antigo da cidade, com 17 anos de existência, que resiste e se reinventa até hoje para continuar com suas apresentações.

4.1. CARACTERÍSTICAS DOS ENSAIOS E OS SUJEITOS BRINCANTES

Quando é chegado o mês de junho, o Nordeste brasileiro se rende a uma das maiores festividades populares do nosso país, as Festas Juninas. Essa festividade tem um caráter peculiar cheio de representatividade e simbolismo que com o tempo vem se transformando e se tornando cada vez mais capitalista.

Dentre as muitas peculiaridades da festa estão: as comidas típicas, as roupas, ornamentações, músicas e danças. Neste caso, a quadrilha junina que se tornou um dos principais elementos de representação dessa festa, considerada como dança típica desse período, é uma das expressões que mais tem se transformado ao longo dos anos, sendo cada vez mais explorada nesse período.

Nos dias de hoje, as festividades juninas e as próprias quadrilhas juninas têm se ressignificado, uma vez que essa festa se tornou algo atrativo e lucrativo, deixando de ser festividades da “roça” e passando a ser da cidade, sendo cada vez mais modificada e amparada pelas inovações tecnológicas que surgem como atrativos turísticos que desvinculam

os símbolos e sujeitos inicialmente pertencentes à criação dessa festividade. Canclini (1982, [s.p.]) afirma que:

Enxergar os produtos do povo, mas não as pessoas que os produzem, valorizá-los apenas pelo lucro que geram, pensar as festas e crenças ‘tradicionais’, por exemplo, atribuindo ao popular o mesmo sentido daquilo que é primitivo, é, na verdade, uma estratégia do mercado de converter a cultura num espetáculo, a fim impor sua necessidade de homogeneizar e ao mesmo tempo manter a atração que o exótico exerce.

Dessa forma, as festividades existentes discursam acerca da promoção de tais eventos juninos como forma de manter viva a tradição e fazer o resgate da cultura, mas o que existe por trás disso é o capitalismo visando o lucro, é a resignificação da cultura popular.

A própria música tocada no período junino já não é a mesma que deu origem à festa da forma que ela era, a música presente nessas festas estava ligada a artistas regionais como sanfoneiros que tocavam suas músicas tidas como típicas e davam o tom da festa. Hoje, o que se vê é que esses pequenos músicos vêm perdendo espaço e grandes grupos musicais com seu “fórró enlatado” vem ocupando os palcos juninos.

O ensaio é um momento de diversão, de fazer amizades e fortalecer os laços dentro do grupo, eles acontecem de forma diferente em cada grupo, uma vez que depende de cada comissão. Alguns grupos podem começar a ensaiar em setembro, logo após as apresentações, outros podem começar só em janeiro. No caso das quadrilhas tradicionais os ensaios acontecem em maio, bem próximo do período junino pelo fato de possuir uma dinâmica mais simples.

As quadrilhas, em sua grande maioria, são formadas por jovens com faixa etária entre 15 e 25 anos de idade de várias localidades, alguns da zona rural. No passado, alguns grupos eram formados única e exclusivamente por moradores de um determinado bairro ou por jovens de um único sítio, hoje, para se formar os grupos, são necessários participantes de várias localidades.

Nos dias atuais os jovens possuem uma mentalidade diferente daquela sociedade de vinte anos atrás, muitas vezes essas futuras gerações são consideradas como responsáveis por dar continuidade às tradições, sejam na dança, na religião, na música ou na cultura de uma forma geral, enfim, são eles que têm a missão de dar continuidade ou recriar aquilo que foi aperfeiçoado, desenvolvido, criado e recriado por seus pais e avós. Mas como isso é possível se o pensamento jovem dos dias atuais está inserido em uma nova realidade e em um novo

espaço ressignificado pelo homem? No livro “Por uma outra Globalização”, Milton Santos discorre sobre o poder da técnica:

Ao surgir uma nova família de técnicas, as outras não desaparecem. Continuam existindo, mas o novo conjunto de instrumentos passa a ser usado pelos novos atores hegemônicos, enquanto os não hegemônicos continuam utilizando conjuntos menos atuais e menos poderosos. Quando um determinado ator não tem as condições para mobilizar as técnicas consideradas mais avançadas, torna-se, por isso mesmo, um ator de menor importância no período atual (SANTOS, 2001, p. 21).

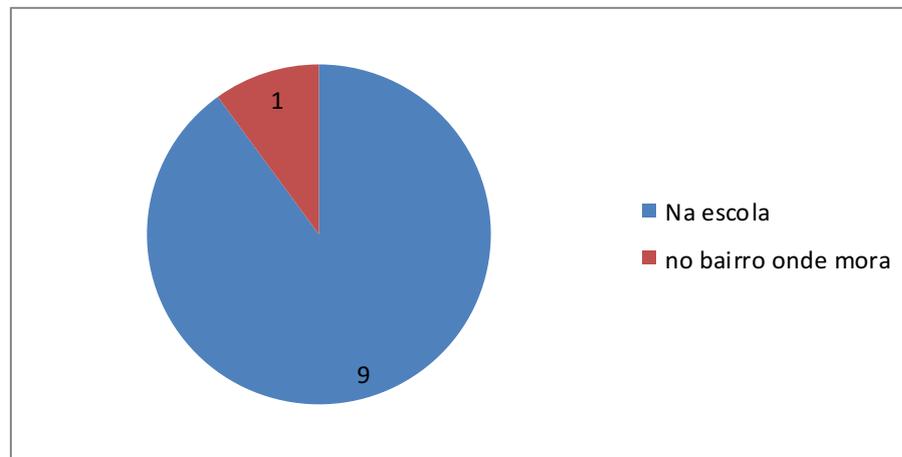
Se colocarmos essa situação no contexto das quadrilhas juninas iremos perceber que a nova maneira de se fazer quadrilha configura-se como uma nova técnica que já foi absorvida pelos jovens dos anos 90 e que hoje mostram de forma dinâmica o novo modelo de quadrilha junina, recriando uma nova imagem da cultura. Os jovens de agora assimilam esse novo modelo como o verdadeiro paradigma e no futuro passarão a desenvolver outros grupos com a mesma perspectiva e quem sabe até mais inovadores para a sua época.

O que pretendemos mostrar aqui não é a visão de que a quadrilha estilizada é um modelo errado de se fazer cultura, mas que a cultura regional tem sofrido impactos com o processo de globalização.

A técnica surge com o intuito de trazer facilidades para uma sociedade, numa perspectiva de evolução, auxiliando os mesmos no desenvolvimento de alguma atividade, porém, se o surgimento dessas novas técnicas podem trazer benefícios, também podem trazer malefícios para a sociedade.

A cada dia que passa os jovens estão menos interessados em movimentos culturais considerados tradicionais, para alguns deles esses grupos possuem um caráter “brega”, os jovens modernos estão mais focados em redes sociais, games, celulares, internet e outros aparatos tecnológicos, e esse desinteresse tem feito com que muitos desses jovens se afastem de suas raízes e evitem participar de movimentos desse tipo.

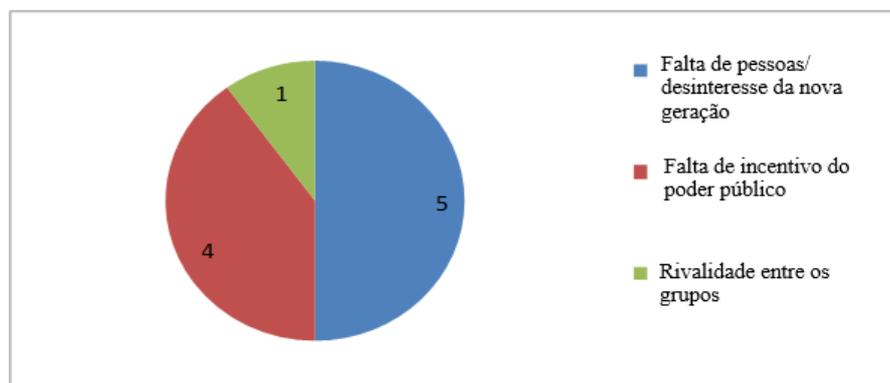
Interessante de se observar que a grande maioria dos entrevistados tiveram seu primeiro contato com quadrilha junina na escola e apenas um mencionou que começou a participar em uma quadrilha do bairro:

GRÁFICO 10: relato dos entrevistados de como começaram a participar de quadrilhas juninas

Fonte: entrevista com quadrilheiros, 2017

O gráfico acima mostra que o desenvolvimento de atividades culturais na escola, em anos anteriores, como parte do processo de educação, é uma prática que aproxima os jovens com a cultura local e incentiva as gerações a gostarem dessas manifestações. Ao vivenciá-las eles estão se tornando atores produtores dessas práticas, nesse caso, a escola tem um papel fundamental na transmissão da cultura local na comunidade ao desenvolver essas atividades no período junino, aproximando os alunos de sua realidade cultural.

O próximo gráfico traz uma visão mais preocupante em relação à continuidade das manifestações culturais — vários grupos têm acabado e para a maioria dos entrevistados o que levou os grupos a extinção foi à falta de interesse dos jovens, como mostra o gráfico:

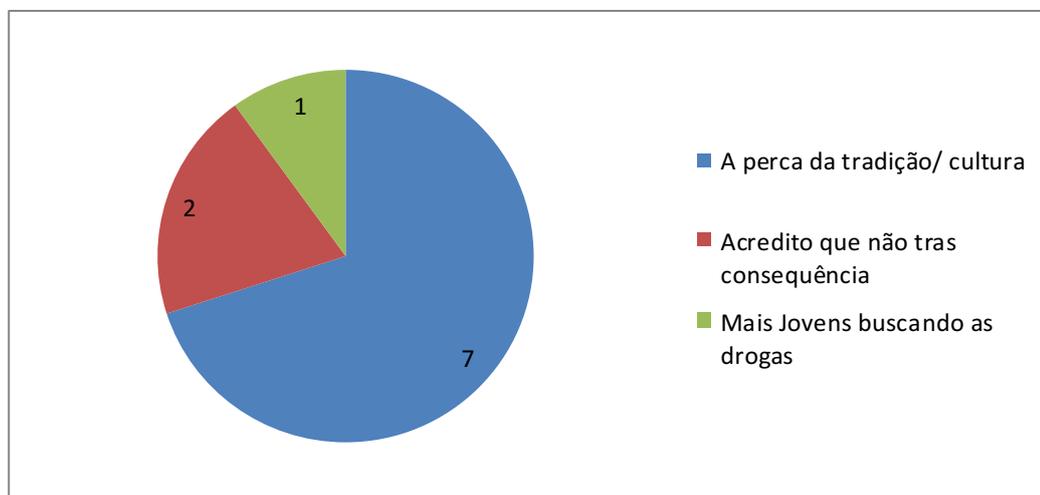
GRÁFICO 11: opinião dos entrevistados sobre o fim dos grupos juninos no município

Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

Claro que o fim dos grupos pode estar relacionado a outros fatores também, como é o caso das demais afirmações do gráfico.

O êxodo rural pode ser também um fator determinante para o fim das quadrilhas juninas da zona rural, uma vez que muitas famílias têm ido para a cidade em busca de melhores condições de vida. Esse despovoamento das zonas rurais faz com que muitos jovens não tenham oportunidade de conhecer a sua própria cultura ou, se já conheciam, acabam esquecendo pelo fato de serem influenciados por outras manifestações nas cidades.

GRÁFICO 12: opinião dos entrevistados sobre as consequências do fim dos grupos para a cultura local



Fonte: entrevistas com quadrilheiros, 2017.

Na pesquisa fica claro que alguns quadrilheiros estão preocupados com a atual situação das quadrilhas juninas de Cachoeira dos Índios-PB, mostrando muitos aspectos importantes que podem se perder como o processo de aculturação, sem falar no papel social que a quadrilha representa para a sociedade, como podemos ver no gráfico acima: quanto mais os jovens participam de movimentos desse tipo, maior sua ocupação, acreditando-se que dessa forma o jovem não busca o mundo das drogas.

4.2. A ESCOLHA DAS MÚSICAS E TEMÁTICAS DAS QUADRILHAS

A música também é um elemento muito importante para as quadrilhas juninas, pois ditam o ritmo que os grupos se apresentam, mas é preciso observar que para cada tipo de

quadrilha existem diferenças no estilo das músicas apresentadas. A quadrilha tradicional ou matuta se apresenta ao som de músicas juninas geralmente regionais, como o embalo do rei do baião, Luiz Gonzaga, que com suas marchinhas juninas traziam em suas letras elementos representativos de nossa cultura, como: o balão, a fogueira, os Santos Juninos, as comidas típicas, o forró, enfim, uma infinidade de elementos representativos. O ritmo cadenciado ao som da sanfona, zabumba e triângulo trazia certa leveza na execução que mantinha um compasso como se estivesse marchando, podendo ser mais acelerado ou não.

No contexto das quadrilhas estilizadas, a música ganhou mais ênfase, pois são elas que conduzem o espetáculo e em alguns casos contam a história da temática escolhida pelo grupo, portanto precisam ser muito bem escolhidas. Cada grupo pode ter uma banda tocando ao vivo, que não só utiliza o tradicional trio pé-de-serra, como também acrescentam sax, flauta, pandeiro, bateria e contrabaixo, as músicas são cantadas por um ou mais cantores, essas músicas podem ser regravações de músicas consideradas juninas ou não, como também podem ter sido produzidas especificamente para cada grupo seguindo a sua temática.

A temática da quadrilha pode seguir vários rumos, isso vai da escolha de cada grupo, podendo valorizar tanto a vida no campo como na cidade. Essa variação de temas pode ser considerada como um dos grandes estímulos para essa nova roupagem das quadrilhas juninas. O que tem preocupado alguns participantes é o fato de até aonde vai essa escolha de temas, o que parece na verdade é que não existe limite e que em muitos casos os “quadrilheiros” valorizam bem mais outras culturas do que a sua própria.

No caso da quadrilha Maria Chiquinha, que este ano teve como tema “No jardim do amor: o romance da flor e o beija-flor”, suas músicas foram escolhidas de acordo com sua temática. As músicas falavam de flores, de amor, de beija-flor, seguindo a temática, entre as músicas escolhidas, estiveram: “Flores em Vida” de Zezé de Camargo e Luciano, “Flor e o Beija-flor” de Henrique e Juliano com participação de Marília Mendonça, e “A rosa e o beija-flor” de Matheus e Kauan.

As músicas mencionadas pertencem a três duplas do estilo sertanejo e todos têm em suas letras referências a temática escolhida pelo grupo, essas músicas não estão ligadas diretamente ao espaço local em que a quadrilha está inserida, se ligam a mesma apenas pela temática dando suporte a apresentação, o que não quer dizer que o grupo não possa usar músicas regionais ou regravações, mas isso mostra uma mudança na escolha do repertório dos grupos modernos que mesclam estilos para a composição de sua apresentação, diferente da quadrilha tradicional que utiliza músicas regionais.

Dentro dessa perspectiva das músicas regionais utilizadas pelas quadrilhas juninas tradicionais temos muitas que marcaram época e conhecidas praticamente em todo o país, entre elas: “Olha pro céu”, composição de José Fernandes; “Pagode Russo” de Luiz Gonzaga e composição de João Silva; “São João na Roça” de Luiz Gonzaga e composição sua junto com Zé Dantas. Dos anos noventa pra cá temos o destaque de outros artistas como Assisão, Mastruz com Leite, entre outros.

4.3. A QUADRILHA MARIA CHIQUINHA COMO EXPRESSÃO DA BRINCADEIRA E DA COMPETIÇÃO: DO ESPAÇO DA FESTA AO JÚRI

A quadrilha Maria Chiquinha é o grupo mais antigo do município em atividade, sua formação data do dia 03 de junho de 2001. Durante a sua trajetória, o grupo se destacou pelo seu dançado simples, mas o que chamava mais atenção era a animação dos componentes ao se apresentarem.

Nos anos de 2001 e 2002 o grupo se apresentava no estilo tradicional como as demais quadrilhas do município, traje simples, muitas vezes emprestado, poucos ensaios, mas muita força de vontade. No ano seguinte o grupo acrescentou um tema elemento que hoje é muito utilizado pelas quadrilhas estilizadas, mas que na época não era exigência dos festivais. Ao mesmo tempo em que a quadrilha Maria Chiquinha inovava com o tema “Seca no sertão”, ela também se preservava, pois mesmo com a utilização do tema a quadrilha ainda continuou a usar roupas simples de chita e passos da quadrilha tradicional sem dar muita ênfase ao chamado “tema”.

A quadrilha Maria Chiquinha não era a única a trabalhar com a temática, outros grupos já traziam em seu enredo de apresentação temas como “retirantes” e “cangaço”. Ao analisarmos os temas em destaque podemos perceber que mesmo alterando suas características, a quadrilha tradicional buscava sua inovação, mas sem se distanciar das suas raízes.

Não são apenas temas, figurinos, músicas e coreografias que se modificam com o passar do tempo, nas quadrilhas de antes se fazia o casamento matuto e em seguida os componentes já adentravam no “arraiá” dançando e tomando seus lugares; nos grupos de hoje ainda existe o casamento dos noivos que geralmente segue a temática da quadrilha onde é contada toda a história do tema, após isso a quadrilha tem toda uma preparação para entrar em quadra, que pode variar desde um grito de guerra, até uma volta de apresentação.

Dentro do espetáculo das quadrilhas estilizadas pode haver várias homenagens no decorrer da apresentação, que podem ser para personagens que fazem parte do enredo da apresentação, podendo ocorrer no início, no meio ou no fim. Tudo depende de cada grupo.

Em 2004, a Maria Chiquinha começou a colocar homenagens dentro da apresentação, onde era feito uma pausa durante a apresentação e elas aconteciam.

IMAGENS 18, 19 e 20: Quadrilha Maria Chiquinha, anos: 2001, 2002 e 2003



Fonte: acervo pessoal do autor.

No ano de 2004 o grupo continuou com uma nova temática: “Paraíba masculina, mulher macho, sim senhor”, onde o grupo homenageava, através da dança, a força da mulher. O tema utilizado nessa época parecia dar um fôlego a mais às quadrilhas tradicionais, uma vez que os grupos eram considerados muito parecidos uns com os outros. Para algumas pessoas a tradição de se repetir os passos todos os anos deixava as apresentações monótonas, e por isso nesse período outros grupos também já trabalhavam a questão temática em suas apresentações.

Nos anos seguintes, a quadrilha Maria Chiquinha, impulsionada pelos famosos festivais, começou a inovar nas roupas, as mulheres usavam saia de armação de tule com o

intuito de deixar o vestido maior, o penteado padronizado foi outra mudança, os calçados também se padronizaram, os homens passaram a usar um colete, marca registrada hoje em quadrilhas estilizadas. Mas ainda existem traços fortes de quadrilha tradicional, continuando com uma sequência muito grande de passos tracionais, usando chapéu de palha e elementos regionais na forma de adereço dos figurinos, como fitas de cetim, fuxico, bicos de renda e algodão.

Em 2005, o grupo veio com o tema “Na pobreza do sertão a riqueza nordestina na cultura do São João”, pelo qual o grupo buscava enaltecer a cultura junina mostrando que nossas raízes são nossa maior riqueza. Em 2006, a homenagem foi a Luiz Gonzaga com o tema “Luiz Gonzaga: a alma do Nordeste cantando sua história”, pelo qual o grupo buscou mostrar um pouco da vida do rei do baião.

Nesses temas podemos ver que, mesmo se modificando, o grupo ainda tinha uma forte ligação com a cultura regional, buscando difundir-la através da dança. Em 2007 o tema foi “O trem da Maria Chiquinha no São João da Alegria”; em 2008 foi “No reino da vaquejada”; em 2009 se teve como tema o “Xaxado”. Durante esses anos o grupo da quadrilha evoluiu bastante, se destacando no cenário municipal como exemplo de quadrilha junina, o figurino havia mudado também deixando de lado os vestidos de chitão e passando a aderir as quadrilhas mais modernas que usavam o cetim, que é considerado um tecido mais nobre do que a chita para confeccionar seus figurinos, podemos notar a diferença nas imagens a seguir:

IMAGENS 21, 22 e 23: Quadrilha Maria Chiquinha, anos: 2007, 2008 e 2009



Fonte: acervo pessoal do autor.

Podemos perceber nessa imagem que a quadrilha Maria Chiquinha já havia mudado muito em relação aos anos anteriores, adotando uma característica considerada transitória, pois mesmo evoluindo alguns elementos de sua apresentação, ainda seguia com um número muito grande de passos tradicionais, elementos esses que para o puxador não podiam deixar de faltar na apresentação do grupo.

Em 2010, o tema do grupo foi “10 anos: volta às origens”, pelo qual o grupo buscou resgatar a quadrilha tradicional que já não se via mais, pois as únicas quadrilhas que ainda mostravam um pouco do tradicional eram as quadrilhas escolares. Nesse ano, o grupo fazia um resgate do figurino, dos passos e das músicas tradicionais de quadrilha junina e mostrava as temáticas que o mesmo já teve.

IMAGEM 24: componentes da Quadrilha Maria Chiquinha, 2010



Fonte: acervo pessoal do autor.

Após esse ano, o grupo começou a ter uma mudança mais relevante no que diz respeito à quadrilha estilizada, sua apresentação era baseada num tema como nos anos anteriores, fundamentada em coreografias que eram ensaiadas incessantemente para tentar deixá-la numa sincronia perfeita, mas mesmo com tantas coreografias ainda se manteve o momento dos passos tradicionais. O tema da quadrilha em 2011 era “Orgulho de ser nordestino”, no qual o grupo fazia uma homenagem ao Nordeste, enaltecendo a cultura popular presente em cada estado.

Podemos perceber, nas duas imagens seguintes, muitas diferenças em relação ao figurino: na primeira, percebemos que o traje é voltado para a quadrilha tradicional, com o chapéu de palha, camisa xadrez e calça jeans, a dama com um vestido de chita, maquiagem carregada e com laço no cabelo, esse era o figurino do ano de 2010 onde o grupo vinha com o tema “10 anos: volta às origens”, fazendo o resgate da quadrilha tradicional que já não se via nos festivais. No ano seguinte, temos a dama com um vestido de cetim com algumas fitas douradas e arranjo de flor no cabelo, o homem vestido de cangaceiro, mas com uma roupagem moderna, camisa e lenço de cetim e fitas que enfeitam a camisa dando a imagem de cartucheiras encruzadas.

IMAGENS 25 e 26: Casais da quadrilha Maria Chiquinha, 2010 e 2011



Fonte: acervo pessoal do autor.

Em 2012, a quadrilha fez uma junção da literatura de cordel com a quadrilha junina com o tema “Sertão de amor e tradição”. A essas alturas o grupo já trabalhava numa perspectiva teatral, contando toda a história do casal de noivos em forma de versos de cordel encenado. Nesse ano, a quadrilha buscou fazer uma junção do tradicional com o estilizado no seu figurino, usando o xadrez, que já não era mais usado, com o cetim; os passos tradicionais ainda estavam presentes no grupo como forma de preservar as raízes da quadrilha junina, mas as coreografias ganhavam espaço em virtude de outros grupos nos festivais estarem se estilizando também. De certa forma, o grupo tinha que se adequar às exigências de cada festival, que poderia julgar itens como “melhor rainha”, “alinhamento”, “inovação”, “casal de noivos”, “criatividade”, “casamento matuto” e outros itens que variavam de lugar para lugar. Cada grupo busca se diferenciar dos demais e a busca por essas inovações pode ter sido a causa de várias transformações, o que parece é que esse diferencial tem sido uma busca constante nas quadrilhas juninas.

IMAGEM 27: Quadrilha Maria Chiquinha, 2012



Fonte: Canal Noite (2012)

No ano de 2013, a quadrilha Maria Chiquinha trouxe o tema “O cangaço é história”, contando um pouco da história do maior cangaceiro de todos os tempos, Lampião. Porém, mesmo sendo um tema vivo na cultura nordestina, a quadrilha trouxe um figurino mais estilizado, com detalhes de renda nos vestidos e cetim, aderindo a um visual moderno, mas sem esquecer as características do estilo de dança dos cangaceiros, “o xaxado”. Foi feita pesquisa aprofundada do ritmo caracterizado pela batida do rifle no chão e o chiado da chinela num movimento constante, assim, todo o grupo aprendeu a dançar xaxado e trouxe para o arraíá um pouco da história dos cangaceiros, entre eles o mais conhecido, Lampião.

O grupo mostrou o cangaço numa perspectiva diferente, sem fazer menção ao bando de Virgulino como heróis ou bandidos, mas numa ideia de que esse movimento fez parte do contexto histórico do Brasil, mostrando as desavenças do bando por onde passava, bem como a entrada de Lampião no Cangaço até sua morte.

IMAGEM 28: componentes da Quadrilha Maria Chiquinha, 2013



Fonte: acervo pessoal do autor.

Em 2014, o tema foi “As estrelas do São João”, pelo qual o grupo buscava homenagear grandes personalidades do São João, tais como: Dominginhos, Luiz Gonzaga, Marines, Sivuca e Jackson do Pandeiro. O figurino já tinha evoluído ainda mais e até o uso de jogo de luz já era possível ver.

IMAGEM 29: Quadrilha Maria Chiquinha, 2014



Fonte: acervo pessoal do autor.

Nessa época a quadrilha já havia participado de vários festivais na região e adquirido vários títulos, uma vez que a cada ano o grupo se destacava em sua apresentação com inovações.

Em 2015, para a comemoração de seus 15 anos, a quadrilha caprichou no figurino estilizado e veio com o tema “Quinze anos de cultura e tradição”. Nesse ano foi possível ver claramente que o grupo aderiu ao movimento estilizado não só pelo figurino, mas pelo uso das chamadas estruturas, que são usadas pelas quadrilhas no decorrer da apresentação, que podem ser: painéis, escadarias, elevador, máquina de fumaça, máquina de jogar papel picado, iluminação, entre outros acessórios. Em 2016 a quadrilha lançou o tema “Retalhos da vida no São João”, sendo possível perceber nas duas imagens a seguir que a quadrilha se definiu como estilizada: o uso de tecidos mais sofisticados se tornou apenas um detalhe, pois além de ter os melhores tecidos na confecção do figurino, o grupo também bordou lantejoulas e paetês na roupa deixando-as mais elegantes e luxuosas. Os penteados também mudaram e adquiriram um visual mais moderno, recebendo apliques, perucas ou mechas; os calçados também evoluíram e se padronizaram e, no caso da dama, ganhou um salto para dar um toque de elegância.

IMAGEM 30: apresentação da Quadrilha Maria Chiquinha, 2016



Fonte: Valda Albuquerque, 2016.

Esse ano a quadrilha veio com o tema “O romance da flor e o beija-flor”. Através dessa temática podemos ver que a quadrilha junina Maria Chiquinha evoluiu gradativamente e busca, hoje, se adequar ao nível dos demais grupos de quadrilhas juninas da região tidas como estilizadas, os temas não estão voltados para o regionalismo, mas para um temática mais fantasiosa. Percebemos que a quadrilha Maria Chiquinha seguiu todo um percurso evolutivo até se estilizar totalmente, substituindo aos poucos alguns elementos que ainda pertenciam ao estilo de quadrilha tradicional por outros considerados modernos. Claro que boa parte de sua evolução se deve ao fato das exigências dos festivais que a cada ano tem evoluído e exigido muito dos grupos participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, a pesquisa mostra vários pontos de vista sobre o conceito de cultura, conceito-chave deste trabalho, os quais abriram uma série de informações acerca do assunto, mostrando que a cultura é dinâmica e que esse dinamismo traz mudanças de caráter histórico, e também espacial e temporal. Apresentou-se como as festividades juninas chegaram ao país, bem como o surgimento da quadrilha junina como elemento da cultura brasileira integrada com características de outras culturas, sendo assim, avaliada como uma cultura híbrida.

As inovações das quadrilhas juninas são complexas, alterando sua dinâmica, e em Cachoeira dos Índios-PB não foi diferente. Essas transformações não aconteceram do dia para a noite, mas foi um processo lento e que para alguns aconteceu de forma natural. Os resultados da pesquisa evidenciam que os principais fatores responsáveis pelas transformações nos grupos do município são as exigências dos festivais e o contato com outros grupos de outras regiões.

De certa forma, as hipóteses que norteiam esse trabalho estão confirmadas na pesquisa, uma vez que o modelo econômico no mundo atrelado ao processo de globalização buscou disseminar a cultura de massa, fazendo com que as festas tidas como tradicionais ganhassem essa espetacularização, atraindo pessoas de vários cantos com o intuito de lucrar. Dessa forma, a quadrilha junina reentrou na festa como atrativo turístico, sendo necessária a inovação, a reinvenção para tornar-se mais luxuosa, aderindo, assim, a um modelo mais “profissional”.

Como já havia sido mencionado que o primeiro fator responsável por tais mudanças seria o atual processo de globalização que prega a necessidade de uma cultura homogênea, o segundo fator seria a o contato com outros grupos, e foi justamente em festivais regionais que os grupos tiveram contato com diferentes quadrilhas com características que as diferem das demais. Porém, muitos elementos foram/são copiados e acrescentados em suas danças. Por último, é colocado o desinteresse por parte dos jovens que não participam como antes das quadrilhas juninas, esse desinteresse pode ser um dos fatores que tem levado o fim de muitos grupos. Para alguns puxadores, a quadrilha se estilizará como uma forma de dinamizar sua apresentação, o que faria com que atraísse os jovens graças às inovações.

Ao longo da pesquisa buscou-se conhecer toda a estrutura de uma quadrilha junina, passando pelo modelo tradicional até o estilizado, mostrando sua dinâmica e as principais diferenças existentes em ambos os estilos. A pesquisa revela também que as atuais quadrilhas juninas da cidade de Cachoeira dos Índios-PB possuem uma organização complexa que

envolve vários processos na sua sistematização e que variam desde suas reuniões para definir tema, trabalhos beneficentes, entre outros, como sua dinâmica evolutiva expressa nas diferentes características que foram sendo substituídas ao longo dos anos.

Vale ressaltar que, no contexto atual, as quadrilhas juninas estilizadas protagonizam um grande espetáculo junino que demanda de seus participantes uma participação demasiadamente grande, fazendo com que os mesmos abram mão de muitos projetos pessoais para participar da construção desse espetáculo. Mesmo que se priorize o luxo e os festivais, os grupos juninos alegam e enfeitam o São João ainda que seja de forma estilizada.

Pensar nos grupos juninos como manifestação cultural nos leva a pensar de que forma esses grupos se codificam e como se definem em meio à cultura: seriam as quadrilhas juninas atuais movimentos responsáveis pela continuidade das tradições da festa junina? Essa pesquisa nos revela que a cultura vem se modificando graças ao atual modelo de sociedade que temos e que a mesma está em constante processo de transformação, se resignificando, ganhando uma nova roupagem.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: significados do festejar no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998. 387f.
- BARROSO, Hayeska Costa. “**Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar...**”: um ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013. 107f.
- CABRAL, João Francisco Pereira. **Conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer**. Entrevista Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/cultura/industria-cultural.htm>>. Acesso em: 22 de agosto de 2017.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. (1898-1986). **Civilização e Cultura**: pesquisas e notas de etnografia geral. São Paulo: Ed. Global, 2004.
- _____. **Folclore do Brasil (pesquisas e notas)**. São Paulo: Global editora, 2016.
- CASTRO, Celso. (org.). **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylon e Frazer. 2. ed. São Paulo: Zahar, 2005.
- CASTRO, Jânio Roque Barros. **Da casa à praça pública**: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.
- CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. **São Paulo Perspec**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001.
- CHIANCA, Luciana. Devoção e Diversão: Expressões Contemporâneas de Festas e Santos Católicos. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18, p. 49-74, 2007.
- CORRÊA, Roberto L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, p. 49-76.
- GUTIÁ, Marcel Schmitz. **Faces do São João**: relações sociais e a construção de uma festa em Ipujiara – sertão da Bahia. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. 162f.
- HAESBAERT, R. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural integradora. In: SERPA, A. (org.). **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 393-419.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MELO, Jane Emirce de. Quadrilha estilizada, hibridização, resistência, ou uma invenção da tradição? In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 19, 2006, Brasília. **Anais...** Brasília, 2006, p. 1-10. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:qY2SKOxVoMJ:www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R14533.pdf+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 30 de abril de 2017.

MORIGI, Valdir. Festa Junina: Hibridismo Cultural. **Cadernos de Estudos Sociais**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2002.

NÓBREGA, Zulmira. **A festa do maior São João do mundo**: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010. 316f.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. Uma análise sobre os conceitos de “cultura”, “cultura-popular”, “etnografia” e “folclore” na obra civilização e cultura de Luís da Câmara Cascudo. **Mnemosine: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG**, Campina Grande, v. 5, n. 1, p. 242-254, 2014.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Cultura e Globalização**: as relações entre cultura e globalização perpassam pela compreensão dos meios de comunicação e pela democratização em seus usos e acessos. 2014. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/cultura-globalizacao.htm>>. Acesso em: 29 de agosto de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **"Do que se trata a aculturação?"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/do-que-se-trata-aculturacao.htm>>. Acesso em: 22 de agosto de 2017.

SANTOS, Eliseu Ramos dos. A cultura popular e a quadrilhas juninas. **Revista desenredos**, Teresina, ano IV, n. 14, p. 1-8, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

SERPA, Ângelo (org.). **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOUZA, Gerson Martins de. *et al.* **Cultura Popular**. Brasília: Projeção, 2014.

VIEIRA, Noemia Ramos. O conceito de região e o ensino de geografia: desencontros entre o saber escolar e o saber acadêmico. **Revista Formação**, Brasília, v. 1, n. 20, p. 21-37, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome: _____

Quadrilha que participa ou participou: _____

Quanto tempo de participação: _____

Tradicional ou estilizada? _____

Em atividade ou não? _____

Perguntas

1º quando e como começou a participar do movimento junino?

2º o que a quadrilha junina representa para você?

3º na sua opinião qual a importância da quadrilha junina para a cultura local?

4º como você descreveria a quadrilha de hoje e a quadrilha de antes?

5º como seu grupo se preparava para o período de apresentações?

6º existe diferenças entre a quadrilha tradicional e a quadrilha estilizada? Quais?

7º cite alguns passos de quadrilha tradicional e da estilizada.

8º é possível identificar o como e quando foi período em que os grupos de cachoeira começaram a se estilizar?

9º em nossa cidade tivemos vários outros grupos na zona rural e hoje praticamente não existe mais, em sua opinião, porque os grupos juninos da zona rural de cachoeira dos índios se acabaram?

10º o fim dos grupos da zona rural pode trazer alguma consequência para a cultura local, qual?